

HT-57

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A Seca e a Ajuda Humanitária como Factores Para o Fim da Guerra em  
Moçambique: O Caso do Distrito de Zavala, 1982-1992**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção  
do grau de Licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane

Marlino Eugénio Mubai

Maputo, 2001

94:32(679)

M9415

dy

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	28146
DATA	10/maio/02
AQUISIÇÃO	O. Costa
COTA	HT-57

**A SECA E A AJUDA HUMANITÁRIA COMO FACTORES PARA O FIM DA  
GUERRA EM MOÇAMBIQUE: O CASO DO DISTRITO DE ZAVALA,  
1982-1992**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos  
para a obtenção do grau de Licenciatura em História da Universidade  
Eduardo Mondlane por Marliño Eugénio Mubai

Departamento de História  
Faculdade de Letras  
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Professor Doutor João Paulo Borges Coelho

Maputo, 2001

O Júri

O Presidente

João Borges Coelho

O Supervisor

João Paulo Borges Coelho

O Oponente

Paulo Zizy

Data

18 / 06 / 01

F. LETRAS U. E. M.

R. E. \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

ADSIÇÃO \_\_\_\_\_

COTA \_\_\_\_\_

## DECLARAÇÃO

Eu Marlino Eugénio Mubai, declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

## Dedicatória

Aos meus pais, Irene e Eugénio Mubai, ao dr. Eduardo Saide Mavia, a  
Florentina e Palmira Mubai e a Felizarda Olinda Jorge Neves.

## Prefácio

O distrito de Zavala, tal como outras regiões do país, sofreu os efeitos da guerra de desestabilização. O presente trabalho, encerra a experiência de um interessado pelo estudo da história social da guerra que viveu em Zavala durante os primeiros anos do início da guerra naquele distrito.

O mesmo tem como finalidade registar o processo da guerra no distrito, contribuindo desta forma para a história do distrito.

O trabalho, estuda a seca e a ajuda humanitária como factores para o fim da guerra de desestabilização. É um estudo de caso do distrito de Zavala que procura valorizar a experiência de camponeses que, sob diversas formas suportaram o fardo da guerra e seca.

O objecto do trabalho é trazer subsídios para a história da guerra de desestabilização e do processo de paz.

Na elaboração do trabalho, graças a Deus, contei com o apoio incondicional dos professores, João Paulo Borges Coelho e David W. Hedges, do pessoal da Administração do distrito de Zavala, da família do presidente do Posto Administrativo de Maculuva, dos senhores Abílio Carlos, Guidion Nhacoongo e Joaquim Miguel. A estes e a todos quanto directa ou indirectamente contribuíram na elaboração do presente trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

## Sumário

Introdução, 1

Problematização e revisão da literatura, 4

I- A seca e a guerra, 1982-1992, 11

1- A chegada da Renamo em Zavala e a seca de 1982, 13

II- Os militares e a população, 17

1- Os militares do Governo e a população, 18

2- A Renamo e a população, 22

3- Estratégias de sobrevivência perante a guerra e a seca, 27

III A ajuda humanitária de emergência em contexto de guerra e seca, 30

1- A situação concreta de Zavala, 36

2- A ajuda humanitária e o Acordo Geral de Paz, 39

2.1 Pressões internacionais para o fim da guerra em Moçambique

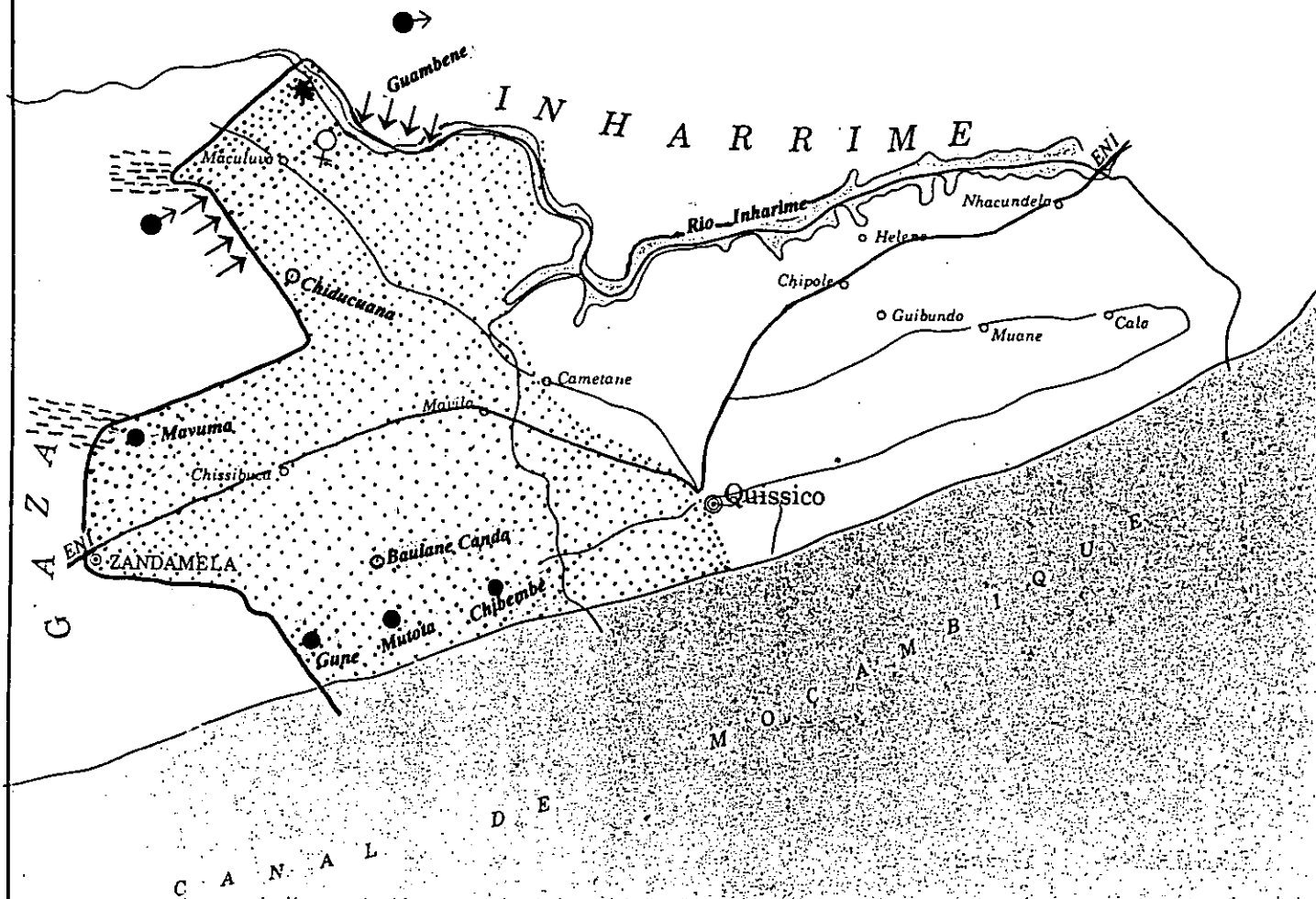
III- Considerações finais, 45

Bibliografia, 48

Anexos, 55-67

# DISTRITO DE ZAVALA

## Zonas afectadas pela Guerra



### LEGENDA

#### Legend

- |     |                     |      |  |
|-----|---------------------|------|--|
| ⊙   | SEDE DE DISTRITO    | ●    | Povoação não Comercial                                   |
| ⊙   | SEDE DE POSTO       | ●→   | Bases da Renamo  |
| ○   | POVOAÇÃO COMERCIAL  | ♀    | Postos da Renamo   |
| —   | LIMITE DE PROVINCIA | ↑↑↑↑ | Corredores de Penetração da Renamo                       |
| —   | LIMITE DE DISTRITO  | ▨    | Lagoas e Pântanos  |
| —   | LIMITE DE POSTO     | ▤    | Zonas Afectadas pela Guerra                              |
| ✈   | PISTA DE ATERRAGEM  | □    | Zonas Não Afectadas pela Guerra                          |
| —+— | CAMINHO DE FERRO    | ⚡    | Poço de Chiguitene, 1º Acampamento da Renamo no Distrito |
| —   | ESTRADAS PRINCIPAIS |      |  |
| —   | OUTRAS ESTRADAS     |      |  |
| —   | RIOS                |      |  |

#### Fontes

DINAGECA  
 ESCALA 1/500.000  
 EDIÇÃO 1997

#### Sources

DINAGECA  
 Scale 1/500 000  
 Edition 1997

Fonte base: ACNUR, PNUD, 1997, Perfis de desenvolvimento Distrital:  
 Distrito de Zavala, Província de Inhambane, Maputo

## Resumo

“A seca e a ajuda humanitária como factores para o fim da guerra em Moçambique”, é um estudo de caso do distrito de Zavala entre 1982 e 1992. O trabalho estuda a interacção da guerra e seca na perspetiva de compreender em que medida a seca interferiu no decurso da guerra, explica como estes factores interligados afectaram a população e que estratégias esta desenvolveu para sobreviver.

Após uma introdução e problematização e revisão da literatura, o primeiro capítulo, dá um panorama geral da seca e da guerra entre 1982-1992. O segundo, analisa a relação entre os militares e a população. O terceiro aborda a ajuda humanitária em contexto de guerra e seca procurando mostrar como a ajuda humanitária funcionou para pressionar o fim da guerra. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Na elaboração do trabalho, recorreu-se a literatura sobre a guerra e a entrevistas. O trabalho resulta de uma análise crítica e comparativa de documentos escritos e entrevistas.

Em Zavala, a logística dos militares de ambos os lados, dependia da população. Com a seca, a população dependeu da ajuda humanitária. A guerra, dificultou a canalização da ajuda e isso, levou as agências humanitárias a pressionar os beligerantes a assinar um cessar-fogo para facilitar a assistência às populações, o que se efectivou a 4 de Outubro de 1992, com o Acordo Geral de Paz.



## Introdução

Os países da África Austral foram os últimos a alcançar a independência. A razão do atraso foi a prevalência de uma população branca relativamente numerosa em relação à outras regiões do continente. Esta população tinha a intenção de exercer um domínio político e económico da região.

O avanço das lutas de libertação nacional em Angola e Moçambique, criou uma séria ameaça aos regimes brancos nestes territórios assim como na Rodésia e África do Sul. Em 1970 fracassa em Moçambique a operação Nó Gordio e a Frelimo avança em direcção ao centro do país. Este avanço, precipitou a criação de unidades pseudo-guerrilheiras para travar a Frelimo. Por outro lado, a Rodésia de Ian Smith estava preocupada com a incapacidade de Portugal em parar com o avanço da Frelimo porque implicava mais facilidades para os guerrilheiros da Zimbabwe African National Union (ZANU) efectuarem excursões militares ao longo da fronteira entre Moçambique e Rodésia do Sul. Para conter este avanço, em 1971 Ken Flower, agente dos Serviços Secretos da Rodésia do Sul viaja a Lisboa onde consegue o consentimento de Marcelo Caetano para a criação de um movimento de resistência interna em Moçambique.<sup>1</sup>

Com a independência, os moçambicanos que haviam servido diferentes ramos das forças militares portuguesas, são integrados nas unidades pseudo-guerrilheiras com vista a desenvolver acções de guerrilha contra o Governo de Moçambique. Com

---

<sup>1</sup> Johnson & Martin, 1986:2

o alargamento das suas acções militares no território moçambicano tomaram o nome de Mozambique National Resistance (MNR).<sup>2</sup>

A guerra protagonizada pelo MNR/Renamo foi essencialmente desencadeada no meio rural e provocou consequências de vária natureza para o campesinato moçambicano. Adicionalmente ao conflito armado, o país foi assolado por uma série de calamidades naturais como as secas<sup>3</sup> intercaladas e prolongadas. Esta situação, agravou ainda mais as condições de vida no meio rural directamente, e da população urbana indirectamente. Os efeitos da seca foram vários, desde a redução do rendimento das culturas agrícolas e dos pastos até a perda total das colheitas. Além disso, em resultado das secas, surgem problemas de abastecimento de água às cidades e zonas rurais, ao mesmo tempo que se verifica a degradação da qualidade de água disponível com as correspondentes consequências do ponto de vista económico e social.

Com este trabalho, pretende-se estudar a interacção entre a guerra e a seca, na perspectiva de compreender em que medida a seca interferiu no decurso da guerra. Por outro lado se procurará perceber como é que estes dois factores interligados afectaram a vida da população e que estratégias as comunidades rurais desenvolveram para fazer face à situação.

Assim, o estudo centrar-se-á nas camadas populares rurais que constituíram o principal alvo da guerra, procurando valorizar as experiências das pessoas que,

---

<sup>2</sup> Nilsson, 1999: 48-49 ; Vines, 1991: 16-17

<sup>3</sup> Nações Unidas, 1995:13, por seca entende-se o fenómeno que ocorre naturalmente quando a precipitação registada é significativamente inferior a valores normais, provocando um sério desequilíbrio hídrico que afecta negativamente os sistemas de produção dependentes dos recursos da terra.

normalmente não escrevem memórias, novelas ou livros de história mas sim guarda no seu íntimo, memória constituindo a fonte oral.

O trabalho estuda o caso do distrito de Zavala. Zavala, o distrito das marimbas ou timbilas, localiza-se no Sul da província de Inhambane. A Norte é limitado pelo distrito de Inharrime através do rio com o mesmo nome que se estende até a parte Oeste. A Sul faz fronteira com o distrito de Manjacaze, província de Gaza. A Este é banhado pelo Oceano Índico.

O distrito tem uma superfície total de 2.617 quilómetros quadrados da qual grande parte é composta por terra e algumas lagoas do interior. As projecções do censo populacional de 1997, indicavam que até meados do ano 2000 a população ascenderia aos 130.319 habitantes, o que faz de Zavala o segundo distrito mais populoso da província de Inhambane, com uma densidade populacional de 49.8 habitantes por quilómetro quadrado. A maior parte da população localiza-se ao longo da costa. O distrito tem uma forte componente linguística composta por chopes, com ligeiras diferenças na fala. No Sul o chope tem influências changana e no Norte, influências bitonga e xitswa. Além do chope existem falantes de xitsua, changana e bitonga, mas em número muito reduzido.

A principal actividade da população é a agricultura virada a culturas anuais como o milho, o amendoim, a mandioca e feijão, com maior impacto para a mandioca que chega a cerca de 70 a 80 mil toneladas por ano. O milho varia entre 10 a 15 mil toneladas por ano. Para além destas culturas, há culturas permanentes como o cajueiro (com uma fraca produção nos últimos anos), o palmar, a mafurra, os citrinos e a criação de animais. A nível da província de Inhambane, Zavala tem a maior população de gado bovino.

As fontes provenientes do trabalho migratório constituem a seguir à agricultura, a segunda maior fonte de rendimentos da população, existe uma tradição de migração para as grandes cidades e para a África do Sul com vista à procura de emprego e à continuação dos estudos.

Ultimamente, o comércio tem subido a um ritmo muito rápido. Muitos camponeses normalmente têm uma banca no comércio informal e concorrem sobremaneira com os comerciantes licenciados do distrito. Muito pouco foi feito na área do turismo e da pesca<sup>4</sup>.

O estudo tem como marcos cronológicos os anos de 1982-1992. A escolha deste intervalo de tempo prende-se ao facto de em 1982, a escala geográfica das actividades da Renamo ter-se tornado muito extensa, sendo em 1982 que a Renamo entra no distrito de Zavala e, coincidentemente, no mesmo ano, o país, particularmente a zona sul era assolada por uma seca com consequências desastrosas. O ano de 1992 limita o período de estudo porque foi nele que se assinou o Acordo Geral de Paz, para além de marcar a ocorrência de uma grande seca que afectou toda a região Austral de África.<sup>5</sup> Assim, o período definido apresenta marcos inferior e superior importantes, tanto no que respeita à guerra como ao fenómeno da seca, no país em geral e particularmente em Zavala.

### **1- Problematização e Revisão da Literatura**

Moçambique é um país essencialmente agrícola e a vida das populações depende directamente da produção agrícola. Assim, e tendo em conta igualmente a fragilidade da

---

<sup>4</sup> Entrevista: Rafael, Pedro, (Administrador do Distrito), Quissico, 2001

<sup>5</sup> Grupo... 1998: 13; PAM, 2000:15

rede comercial e de comunicações, qualquer obstáculo na produção agrícola tem consequências imediatas na segurança alimentar das populações. A seca é comum em Moçambique, algumas partes do país são afectadas quase todo o ano. Entre 1975 e 1994 Moçambique sofreu trinta e cinco secas.<sup>6</sup> As duas piores secas ainda vivas na memória ocorreram em 1981/1983 e 1991/92.<sup>7</sup> Esta última afectou todos os países da África Austral e colocou milhões de vidas em risco, agravando o estado nutricional das populações. Provocou ainda a deslocação das populações à procura de alimentos e água.

O estudo das consequências da seca no campesinato num país que a actividade económica principal é a agricultura de sequeiro é fundamental para compreender a dinâmica da guerra. Mais ainda, a guerra teve como palco o campo. Isto sugere uma dependência dos beligerantes em recursos extraídos da natureza. Assim, directa ou indirectamente, dependiam dos rendimentos da população. É questionável o apoio a ser prestado pela população aos beligerantes numa situação de escassez de recursos devido à seca. Por outro lado, para as tropas governamentais, ainda que tivessem um abastecimento logístico regular, recursos como a água, a lenha precisam de ser extraídos localmente. Aqui é indispensável a intervenção da população, população essa que também enfrenta enormes dificuldades devido à seca e à guerra.

Também há que ter em conta entraves no abastecimento regular das tropas. A título de exemplo, a falta de meios de transporte, de segurança, de combustíveis, o

---

<sup>6</sup> Kure, J.S., 1994

<sup>7</sup> Grupo... 1998: 13; PAM, 2000:15

deficiente estado das vias de acesso e a corrupção dificultavam em grande medida o abastecimento das tropas<sup>8</sup>

Esta questão é reforçada por Camacho e Ramos<sup>9</sup> ao falarem da corrupção que grassava o exército governamental. Referem que no ano de 1989, as despesas militares absorviam 40% do orçamento do Estado mas haviam soldados nas frentes de combate que não recebiam salários e não eram reabastecidos. Acrescentam que tais soldados têm uma arma e uma farda, o que coloca muitas hipóteses sobre o seu comportamento perante a população. Roesch<sup>10</sup> vê a corrupção no exército governamental como consequência do Programa de Reabilitação Económica (PRE). Afirma que alguns oficiais militares moçambicanos, encaram a guerra contra a Renamo (que absorve mais de 40% do orçamento do Estado) como meio de lucro pessoal, apropriando-se dos pagamentos das tropas sob o seu comando. Desviando para o mercado negro alimentos, combustível, materiais de construção e outros recursos originalmente destinados ao esforço de guerra, acrescenta que alguns sectores do corpo de oficiais das forças armadas contribuem para o dissimulado interesse na continuação da guerra mais do que para acabar com ela através da derrota militar da Renamo. Conclui que o impacto de tais práticas na moral e eficácia combativa das tropas é evidente. Outros autores,<sup>11</sup> referem que em 1982, o exército governamental estava em crise ao ponto de o governo proceder

---

<sup>8</sup> *Gouvernement... & United Nations*, 1990:15; Camacho & Ramos, 1989:5; International Peace Academy (IPA), (s.d): 5; *Mozambique...* (s.d): 13

<sup>9</sup> Camacho e Ramos, 1989:5

<sup>10</sup> Roesch, 1992:29

<sup>11</sup> Borges Coelho e Macaringue (s.d): 6

a uma descentralização do comando. A descentralização atribuía uma semi-autonomia aos comandos provinciais. Prosseguem dizendo que as dificuldades eram sentidas em qualquer instância possível, dos armamentos e munições ao transporte, rações e manutenção. A força aérea tinha que depender da União Soviética para vistoria e maiores reparações. Peças para veículos e armamentos assim como munições tinham que ser importadas. A caminho do fim da guerra, o problema tornou-se sério que quase todos os aviões de combate, transporte aéreo e helicópteros estavam paralizados devido à falta de peças e combustível. Pouco menos de 5% dos veículos de combate estavam em circulação. No Zumbo, um batalhão havia sido reduzido a 40 homens que não recebiam os seus salários há mais de um ano. Vestiam-se como qualquer civil, quase todos tinham casado localmente e subsistiam através da pesca, horticultura ou pequenos negócios. Desprovidos de uniformes, armas e outros abastecimentos, eles contavam com poucos carregadores de munições que chegavam ocasionalmente via Zimbabwe. A fonte adianta que as relações entre as forças armadas e a população tinham alcançado níveis baixos como resultado de vários factores, entre eles o recrutamento forçado, abusos ocasionais a pessoas suspeitas de manter contactos com a Renamo.

Por outro lado, o abastecimento da Renamo é uma questão muito debatida. Se não existem dúvidas sobre o apoio sul-africano em questões militares, o apoio popular à Renamo é uma questão polémica. Gersony (1988)<sup>12</sup> apresenta a divisão administrativa das áreas da Renamo da seguinte maneira: “áreas de controle”, que se subdividem em bases permanentes, áreas de campo e áreas dependentes, “áreas tributárias” e “áreas de destruição.” Ao mesmo tempo que transparece uma organização administrativa

---

<sup>12</sup> Gersony, 1988: 10

estruturada, com uma divisão de tarefas estabelecida, o autor conclui que em todas as áreas, o relacionamento entre a Renamo e a população consiste na extração de recursos à força. Contudo, a referência a machambas nas áreas de campo trabalhadas por cativos revela uma fonte de abastecimento dos guerrilheiros da Renamo. Alguns autores<sup>13</sup> consideram a Renamo um movimento sem legitimidade e sem apoio. Hanlon (1991) afirma que a Renamo foi perdendo o apoio dos líderes tradicionais devido à persistência das atrocidades praticadas contra a população e ao seu enfraquecimento militar. O estudo de Gersony viria a ser secundado por Vines (1991)<sup>14</sup> quase completamente. Vines também afirma que a força de trabalho nas plantações da Renamo é predominantemente cativa, detida contra a sua própria vontade e proibida de partir. Para ele, a compensação positiva que a Renamo oferece parece ser a tolerância religiosa, o acesso à ajuda do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) em alimentação de emergência e a oportunidade para permanecer vivo.

Para Roesch (1992)<sup>15</sup>, a inserção da Renamo no Sul foi difícil uma vez que a ideologia das aldeias comunais aplicada nas outras regiões do país, aqui não teve eco porque as aldeias no Sul foram resultado das cheias e seca e a população foi reassentada em locais com melhores condições de acesso a água. O mesmo autor prossegue afirmando que o fraco enraizamento do poder tradicional no sul do país jogou contra a ideologia da Renamo. Roesch faz uma analogia entre o sul e o norte do país e conclui que no sul, o trabalho migratório diminui a importância da agricultura para a subsistência das populações, o que não acontece em províncias do centro e norte em

---

<sup>13</sup> Roesch, 1992: 464; Hanlon, 1991:36

<sup>14</sup> Vines, 1991: 91-101

<sup>15</sup> Roesch, 1992: 479





especial Nampula. Roesch encerra o artigo concluindo que, em contraste com a situação descrita por Geffray em Nampula, a Renamo aparece com pouco apoio populacional em Gaza ou mesmo no Sul de Moçambique onde essencialmente aparece como um bando predatório que aterroriza e saqueia a população rural. Para ele, o facto de a maioria das pessoas nas bases da Renamo em Gaza ser raptada, claramente sugere a falta de entusiasmo popular pela organização.

Segundo Nilsson (1999),<sup>16</sup> a guerra em Moçambique era um caso inter-estados. Refere-se às ligações entre a Renamo e os regimes minoritários racistas da África do Sul e da Rodésia do Sul. Fala ainda da penetração da Renamo no Sul de Moçambique e aponta os régulos, os curandeiros e feiticeiros como sendo os primeiros a dar hospitalidade à Renamo. O argumento que apresenta é de que não seria possível operar o tipo de guerra que a Renamo levou a cabo em áreas rurais sem ter um mínimo de apoio popular, entendido como ligado a uma clara posição política ou ideológica. O argumento, também pressupõe que o recrutamento e integração militar na Renamo era baseado numa consciência política. Nilsson, descreve detalhadamente o processo de recrutamento e integração militar na Renamo e conclui que as duas partes envolvidas na guerra, têm mais ou menos um apoio popular. Por fim, como outros investigadores da guerra em Moçambique, Nilsson afirma que a violência e a tortura protagonizada pelos guerrilheiros da Renamo eram a razão comum pela qual as populações do interior saíam das suas aldeias para viver sob influência da Renamo nas bases.

De qualquer maneira, independentemente dos mecanismos pelos quais qualquer das partes adquiria apoios, é evidente que o peso do fardo da guerra esteve assente na

---

<sup>16</sup> Nilsson, 1999: 90/113

economia camponesa e por outro lado, o fardo da seca também. Estima-se que entre 1984-1985 a seca causou a morte de mais de cem mil pessoas e ameaçava quatro milhões de pessoas nas seis províncias mais afectadas do sul e centro do país.<sup>17</sup> Certamente que a fome afectava também os beligerantes que, mais fortes (possuíam armas) se abasteciam à força dos magros alimentos da população.

Foi em consequência desta realidade que em 1987 o governo moçambicano lançou em Genebra um apelo internacional para a assistência de emergência.<sup>18</sup> Em resposta ao apelo, as Nações Unidas passam a jogar um papel proeminente na coordenação das doações ao programa de emergência do governo. Em 1980 o governo havia criado o Departamento de Combate e Prevenção das Calamidades Naturais (DPCCN) e em 1990 a direcção de emergência havia se estendido ao nível do campo com a criação das comissões provinciais e distritais de emergência.<sup>19</sup>

A multiplicação dos esforços para a assistência de emergência, enfrentava entre vários obstáculos: a falta de segurança nas vias de acesso, a falta de transporte e o precário estado das estradas moçambicanas. Todavia, só nas áreas controladas pelo Governo parecia possível e autorizado a ajuda humanitária. Sam Barnes,<sup>20</sup> traça o percurso do papel da assistência humanitária nas negociações para a paz. Para ela, a imposição de garantias de segurança para as agências humanitárias e a respectiva liberdade no socorro das vítimas civis de ambas as partes, abriu o caminho para a paz.

---

<sup>17</sup> Cournet, 1987:34

<sup>18</sup> Kure, 1994: 36

<sup>19</sup> Gouvernement of Mozambique & United Nations, 1990:15

<sup>20</sup> Barnes (s.d)

## I- A seca e a guerra, 1982-1992

O início da década de oitenta trouxe um conjunto de factores convergentes que mudaram dramaticamente o optimismo na estratégia de desenvolvimento traçada pelo governo moçambicano. Foi neste período que se registou uma subida de preços de combustíveis; por outro lado, a recessão mundial baixou o valor das exportações de Moçambique, enquanto que a pior seca de sempre se abatia sobre o país em 1981-1983. A estes problemas, adicionou-se a mudança do clima político internacional com a subida de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos da América, em 1980. Reagan, defensor da política anti-comunista e de engajamento construtivo com a África do sul, encorajou P.W. Botha a atacar os Estados marxistas vizinhos de Moçambique e Angola. Todavia, o conflito da África Austral nesta altura é algo mais que uma mera expressão do anti-comunismo norte-americano. A África do Sul de Peter Botha tinha uma visão própria da região: lutar contra a independência económica dos Estados da região.<sup>21</sup> Neste seu esforço de dominar a região através de acções de desestabilização, a África do Sul entrou em choque de interesses com os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Chester Crocker ( Assistente do Secretário do Estado para Assuntos Africanos, dos EUA), de visita a Moçambique em 1983 conclui que a violência na região podia reforçar a presença da União Soviética. Conclui ainda que o apoio de Moçambique ao ANC é uma ameaça ao principal aliado dos EUA na região, ao mesmo tempo que reconhece que o apoio americano a África do Sul prejudicava as relações com os Estados africanos

---

<sup>21</sup> Johnson e Martin, 1986:18

independentes.<sup>22</sup> O mesmo posicionamento é manifestado em Novembro de 1983 aquando da visita de Pik Botha a Europa onde recebe a mensagem de que a desestabilização na região prejudicava os negócios.<sup>23</sup>

Com apoio sul-africano, em 1980 a Renamo, havia sido transferida da Rodésia para a África do Sul e era usada como braço armado do regime do Apartheid. Estava activa em partes remotas das províncias de Manica e Sofala. Nos meados de 1982 havia-se expandido para o sul em Gaza e Inhambane. Em Gaza o objectivo da África do Sul era criar uma instabilidade para cortar a infiltração do ANC na África do Sul. No caso de Inhambane o objectivo era abrir um corredor de abastecimento a partir do mar, para responder à carestia da via aérea.<sup>24</sup>

Coincidentemente, no mesmo período o país é assolado por uma seca de grandes dimensões em que se calcula que 1.320.000 pessoas estavam afectadas e perto de 100.000 tinham morrido devido à seca no Sul de Moçambique no período compreendido entre 1982-84. Por outro lado, devido às emboscadas da Renamo e estradas minadas, a ajuda humanitária não podia chegar a muitas áreas.<sup>25</sup>

Em suma, dos princípios dos anos oitenta aos princípios da década noventa, Moçambique, com maior incidência para o centro e sul, sofreu duplamente dos efeitos da guerra e seca. Isto resultou na morte de milhares de pessoas. Mesmo a população residente nas cidades caiu na dependência alimentar devido à ruína do sistema de

---

<sup>22</sup> Johnson e Martin, 1986: 24

<sup>23</sup> Vines, 1991:20

<sup>24</sup> Johnson e Martin, 1986: 20

<sup>25</sup> Simão et al, 1994:45

abastecimento rural. Não restavam muitas alternativas ao governo a não ser o apelo à ajuda humanitária de emergência para socorrer as populações carentes.

### 1 - A chegada da Renamo em Zavala e a seca de 1982

O início da guerra no distrito coincide com a eclosão de uma das maiores secas de que há memória, embora seja difícil recolher hoje testemunhos a seu respeito.<sup>26</sup> Alguns investigadores,<sup>27</sup> referem que houve seca prolongada em toda a região sul de Moçambique e o distrito de Zavala foi um dos mais afectados. Mário Matiquite<sup>28</sup>, afirma que houve muita fome em 1982 e aponta a instabilidade causada pela guerra como tendo piorado a situação. Por sua vez, Zacarias Paindane Mugunhe<sup>29</sup>, afirma que a fome de 1982 foi grave, a de 92 foi muito pior, segundo ele, as populações ficaram sem nada para comer.

---

<sup>26</sup> Contudo, a seca que ainda vive na memória de muitos é a de 1992. A população tem uma tendência de dar pouco ênfase à seca de 82, tal deve-se ao esquecimento, tanto mais que já lá vão dezanove anos. Esta tendência de subestimar a seca de 82 também pode ser explicada pelo facto de em 1992 ter-se registado mais uma seca. Esta última, teve um maior impacto, razão pela qual as pessoas apenas se referiram à seca de 82 de passagem para falar com pormenores sobre a de 92. No dizer de Pedro Mariano Joaquim, "a seca de 1982-1983 não chateou tanto, o ano mais crítico da seca foi 1992. É o ano em que as pessoas tinham sido desprovidas de tudo

<sup>27</sup> Simão et al, 1994: 47

<sup>28</sup> Entrevista: Matiquite (comerciante), Quissico, 2001

<sup>29</sup> Entrevista: Mugunhe (camponês), Zandamela, 2001

Abdul Remane Sumará e Raquelina Francisco,<sup>30</sup> confirmam que a seca de 82 afectou muito a população do distrito: havia falta de cereais, houve fome e depois eclodiu a cólera nos refugiados que viviam nas varandas dos estabelecimentos comerciais.

A fome de 1992, também conhecida de fome de Gwawula-xapa (arrancas chapas de zinco porque os habitantes se viram forçados a vender chapas ou a trocar por alimentos) ainda vive na memória de muitos zavalenses. É descrita como tendo causado a pior procura do homem pela Renamo, com vista a obter alimentos. Os assassinatos aumentaram. Os raptados eram dados cargas excessivas, dificilmente podia-se escapar da morte.<sup>31</sup> Por seu lado, Gilberto Luís Natingue<sup>32</sup> diz que em 1992 realmente houve seca prolongada. Não havia produção nas machambas. A população tinha que viver de produtos doados. Acrescenta que na vila sede, havia dias em que a população era convocada para receber produtos alimentares. Mais para o interior, as mercadorias chegavam de carros alugados e em alguns casos de carros da DPCCN. Eugénio Dgedge,<sup>33</sup> confirma que de facto houve fome em 1992, a fome tinha abatido todo o distrito, não chovia. Adianta que muitas pessoas morreram. Para ele, a fome foi mitigada pelo apoio externo. Continua dizendo que o apoio nunca chegava para todos.

Segundo fontes locais, a Renamo penetrou no distrito de Zavala a 25 de Setembro de 1982 e a 26 do mesmo mês registaram-se os primeiros confrontos com o exército governamental. “A guerra entrou pela primeira vez no distrito de Zavala no dia

---

<sup>30</sup> Entrevista: Sumará (armazenista); Francisco (trabalhadora da ajuda de emergência), Quissico, 2001

<sup>31</sup> Entrevista: Mbie, (primeiro camponês no distrito a ser raptado pela Renamo). Maculuva, 2001.

<sup>32</sup> Entrevista: Natingue(funcionário das Finanças), Quissico, 2001

<sup>33</sup> Entrevista: Dgedge(funcionário do Registo Civil), Quissico, 2001

26 de Setembro de 1982 ... a Renamo veio da direcção de Inhambane, parou na travessia ... há um riacho que faz a travessia de Inhassune e Maculuva, parou ali, na noite do dia 25. Ela atravessou com toda a trouxa. Há uma casa de um branco que não estava concluída, acampou ali. Destacou alguns homens sem fardamento e sem armas para virem assistir a reunião do dia 25 de Setembro e regressaram. Então, no dia 26 a Renamo entrou em Maculuva. Na sede distrital, a Renamo chegou no dia em que simultaneamente atacou Inharrime, Pande e Quissico tendo conseguido entrar em Quissico e Inharrime. Isso aconteceu no dia 30 de Outubro de 1982.”<sup>34</sup>

Quando a Renamo atravessou pela primeira vez o distrito de Zavala usou barcos de borracha para atravessar o rio Inharrime. No primeiro grupo, haviam dois indivíduos que falavam línguas sul-africanas.<sup>35</sup> A referência a barcos de borracha e de elementos supostamente sul-africanos pode ser uma prova do apoio sul-africano a Renamo, principalmente durante a sua expansão pelo sul do país<sup>36</sup>.

A penetração no distrito foi muito rápida: em pouco mais de um mês a Renamo já tinha chegado à sede distrital. Isto denuncia a fragilidade militar do distrito. Moralizada pelo apoio sul-africano, a Renamo fez com que da sua chegada a Zavala em 1982 até finais de 1987 princípios de 1988 o distrito conhecesse os momentos mais críticos da guerra. Grande parte da população do interior fugiu para a sede distrital e para regiões mais seguras a nordeste do distrito. A situação regista relativa melhoria nos finais de 1988 e princípios de 1989, altura em que a Renamo nunca mais voltou a penetrar na sede distrital. De 1991 até ao Acordo Geral de Paz pode considerar-se como

---

<sup>34</sup> Entrevista: Massango (chefe do Estado-Maior do Batalhão), Mbie (Camponês), Dgedge, Zavala, 2001

<sup>35</sup> Entrevista: Mbie (camponês), Maculuva, 2001

<sup>36</sup> Vines, 1981: 18; Johnson e Martin, 1982: 16; Nilsson, 1999: 53

um período de contenção porque os beligerantes já não faziam grandes operações frontais: a Renamo restringia as suas acções à procura de alimentos e, a Frelimo, por sua vez já não fazia ataques constantes às bases da Renamo. Estas atitudes, também podem ser resultado da expectativa em torno das negociações para a paz ou ainda devido ao impacto da seca.



## II- Os militares e a população

O desenrolar de uma guerra exige uma forte ligação entre os militares e a população. O controle da população é o objectivo dos beligerantes numa guerra pois é na população que se obtêm novos recrutas e é junto à população que se obtêm apoio em alimentos. Por isso, é importante compreender a articulação entre estes dois elementos para perceber a dinâmica da guerra.

Mao Tse Tung<sup>37</sup> enfatiza a mobilização política das massas e explica que esta consiste em explicar ao exército e ao povo o objectivo político da guerra. Adianta que é necessário que cada soldado, cada cidadão, veja a razão por que a guerra deve ser feita e como tal guerra lhe diz respeito

Por seu turno, Couto (1989)<sup>38</sup>, afirma que a população é simultaneamente um objectivo, o terreno e um instrumento. Acrescenta que a obtenção do apoio da população, constitui um objectivo estratégico fundamental.

Este autor classifica o apoio da população em activo ou passivo. Quanto às acções de guerrilhas rebeldes, afirma que a cumplicidade da população é obtida, em primeiro lugar pela organização política e administrativa do movimento guerrilheiro e que é apoiada pela violência com vista à eliminação dos oponentes ostensivos e à intimidação dos oponentes potenciais. O mesmo autor apresenta a população como uma

---

<sup>37</sup> Mao Tse Tung, 1975: 245

<sup>38</sup> Couto, 1989: 226/285

fonte de recursos para o movimento guerrilheiro rebelde. Neste contexto, a população pode fornecer os recursos voluntariamente ou por imposição.<sup>39</sup>

Por outro lado, as autoridades de facto, para vencer não só devem destruir uma estrutura dos guerrilheiros rebeldes mas também devem conseguir o isolamento físico e psicológico permanente, em relação à acção dos guerrilheiros rebeldes. O isolamento é mantido com e pela própria população.

Como se pode ver, o factor humano é muito importante para o desfecho de uma guerra sendo “as relações entre a população, os soldados e o Estado em tempo de guerra decisivamente traçadas pelos caminhos e meios de mobilização de recursos”.<sup>40</sup> Todavia, com o prolongamento da guerra, com o agravamento da situação alimentar e com o aumento da escassez dos recursos (mantimentos), as relações entre os militares e os civis tornam-se conflituosas. Os soldados começam a roubar produtos das machambas e a matar animais pertencentes às populações que se supunha protegerem.

É com base nestes pressupostos que se estuda o desenrolar da guerra no distrito de Zavala. Tendo em conta que a população é uma fonte de recursos para os guerrilheiros, o estudo abre uma abordagem do relacionamento entre os civis e os militares.

### **1- Os militares do Governo e a população**

Em Zavala, o segundo distrito mais populoso da província de Inhambane, a população foi um factor chave no desenrolar da guerra. A população do distrito

---

<sup>39</sup> Couto, 1989:226/282

<sup>40</sup> Harnett-Sievers, et al, 1997:68

encontra-se distribuída numa forma desigual. Grande parte concentra-se no litoral. O interior do distrito é menos povoado e foi mais assolado pela guerra. Isto se reflectiu nas estratégias traçadas pelos beligerantes. No seu esforço de corrigir a distribuição irregular da população, o Governo formou aldeias em torno dos quartéis. Esta situação verificou-se em Mavuma, Maculuva, Zandamela entre outros pontos do distrito. Esta acção vai ao encontro da ideia de Couto<sup>41</sup> de que a distribuição inconveniente da população pode ser corrigida através do reordenamento de populações. Por sua vez, a Renamo procurou fixar-se nas zonas menos povoadas, de difícil acesso: Ukhuni, Maculuva e Guambene, do outro lado da margem do rio Inharrime. Isto pode ser explicado como forma de defesa contra as incursões do exército governamental equipado de veículos e outro equipamento “moderno.”

Zavala estava militarmente pouco preparado para a guerra. Quando a Renamo entrou em 1982, o distrito possuía um número muito insignificante de milicianos. As trincheiras feitas em Quissico estavam muito mal trabalhadas.<sup>42</sup> Muitos camponeses de diversos cantos do distrito, afirmam que os quartéis das tropas governamentais foram instalados após a penetração da Renamo.

A estrutura militar do distrito estava assim organizada: Um batalhão na sede distrital e forças milicianas no interior. Mais tarde, com a melhoria da situação de guerra, o batalhão da sede distrital ficou reduzido a uma companhia. Em Chissibuca também foi instalada uma companhia, um pelotão em Zandamela e outro em Maculuva. Este último, servia de choque, era um posto avançado.<sup>43</sup> Para além destes militares,

---

<sup>41</sup> Couto, 1989: 339

<sup>42</sup>Entrevista: Sumará (comerciante), Quissico, 2001

<sup>43</sup> Entrevista: Massangae ( antigo administrador), Quissico, 2001

encontravam-se algumas centenas de milicianos e soldados espalhados pelo distrito, concretamente em Mavuma, Mavila, Chiducwana, Nhacudima, na casa do General Fondo (em Canda), de entre outras regiões. Estes movimentavam-se em conformidade com a gravidade e frequência de ataques numa determinada área.

As opiniões sobre o relacionamento entre a tropa e a população são variáveis. Esta realidade pode ser resultado da natureza dinâmica da própria guerra. A dinâmica da guerra, torna as relações não estáticas, variando em função da evolução do contexto. Por exemplo, quando há abundância de alimentos, com o exército a receber abastecimentos regulares, as relações tendem a ser boas. Mas numa situação de escassez de recursos as relações tornam-se conflituosas devido à luta pelos recursos disponíveis.

Isabel Manguengue<sup>44</sup> considera as relações de boas mas afirma que os militares, por vezes, levavam bens sem pedir, devido à fome. Sainora Dipuriane<sup>45</sup> afirma que não davam alimentos às tropas da Frelimo mas quando passassem das machambas tiravam produtos sem pedir. Não havia nenhum acordo entre eles e os militares. Considera os militares da Frelimo como do seu Governo e os da Renamo como agressores. Para Mateus Maculuva<sup>46</sup> não havia problema grave entre eles e as tropas da Frelimo. Apenas lamenta o roubo dos seus bens e afirma que o comandante não gostava e, quando se apresentasse uma queixa, aquele castigava o militar visado. Por seu lado, Helena Marenganhane Maculuve<sup>47</sup> diz que havia um entendimento entre eles e as tropas do

---

<sup>44</sup> Entrevista: Manguengue (camponesa), Quissico, 2001

<sup>45</sup> Entrevista: Dipuriane (camponesa), Maculuva, 2001

<sup>46</sup> Entrevista: Maculuve, M. (camponês, ancião) Maculuva, 2001;

<sup>47</sup> Entrevista: Maculuve, H.M. (camponesa), Maculuva, 2001

governo. Acrescenta que eles é que carregavam o material de guerra da Estrada Nacional Número Um para o quartel de Maculuva e deste para o combate.

Samuel Jossefa Chissico<sup>48</sup> afirma que havia um bom entendimento entre as tropas e a população, conclui que apenas os que simpatizavam com a Renamo é que eram perseguidos. Para Eugénio Dgedge<sup>49</sup>, em Quissico, o quartel foi instalado nos finais de 1982, em Dezembro, prossegue dizendo que havia uma boa colaboração entre os militares e a população porque era a população que informava quando descobria movimentos dos guerrilheiros da Renamo. Jorge Machatine<sup>50</sup>, diz que em Zandamela havia um quartel. Os militares lutavam bem. Eles é que salvavam a população local e esta, dava de comer aos militares.

Apresentariam-se mais depoimentos sobre a relação entre os militares do governo e a população. Todavia, é de salientar que o denominador comum das relações é de que apesar de algumas excepções, eram boas. A tropa preocupou-se em manter o controle sobre a população e esta sabia que a sua segurança dependia em grande medida do desempenho do exército governamental. Esta situação pode ser resultado da postura da Renamo no sul de Moçambique: prática generalizada de violência. Sendo assim, as tropas do Governo apareciam como o escudo protector da população.

Ainda com o abastecimento regular que o Governo dava a sua tropa, a população era chamada a contribuir sob diversas formas: carregamento de material de guerra, fornecimento de informações sobre as movimentações da Renamo e apoio em géneros

---

<sup>48</sup> Entrevista: Chissico (camponês), Maculuva, 2001

<sup>49</sup> Entrevista: Dgedge (funionário do Registo Civil), Quissico, 2001

<sup>50</sup> Entrevista: Machatine (camponês), Zandamela, 2001

alimentícios. Com o precário estado das vias de acesso para o interior do distrito, por sinal o mais afectado pela guerra, a população era solicitada a fazer colunas humanas de carregamento de bens, material de guerra de Mavila a Guambene, a mais de 40 a 50 quilómetros de Quissico, respectivamente. Algumas pessoas ficavam pelo caminho.<sup>51</sup>

Ainda no âmbito da relação entre o exército governamental e a população, é de particular importância o papel jogado pelos comerciantes locais. Estes contribuíram com viaturas, casas e até em produtos para o exército governamental. Artur Ferreira<sup>52</sup> foi muitas vezes solicitado a apoiar os militares. Segundo ele, o apoio consistia na deslocação das tropas, carregamento de mantimentos e outras coisas a custo zero. Há quem<sup>53</sup> diga que para os comerciantes transportarem as suas mercadorias escoltadas tinham que apoiar os militares nas deslocações para as manobras militares. Acrescenta que os seus camiões trabalharam muito nesse sentido.

Duma forma geral, as relações entre o exército governamental e a população eram as melhores que se podiam alcançar dentro daquelas condições, sendo caracterizadas pela reciprocidade de interesses.

## 2- A Renamo e a população

A Renamo entra pela primeira vez em Zavala numa altura em que a presença das tropas governamentais no terreno era insignificante. Os primeiros guerrilheiros da Renamo são descritos como homens com bom comportamento que com o tempo,

---

<sup>51</sup> Entrevista: Maculuve, T.F. (camponês), Maculuva, 2001

<sup>52</sup> Entrevista: Ferreira (comerciante), Chissibuca, 2001

<sup>53</sup> Entrevista: Calú (comerciante), Quissico, 2001

mudaram radicalmente. As razões da mudança de atitude podem resultar da falta de entusiasmo popular pelo movimento, assim como da escassez de recursos. Massaete<sup>54</sup> explica a violência da Renamo como resultado do cumprimento da ordem do comandante regional, General Gomes que tinha recebido ordens do comando central segundo a qual os guerrilheiros deviam deixar de ser complacentes e passarem a fazer ataques com seriedade, carregassem tudo o que encontrassem para a base, destruíssem tudo o que conseguissem e matassem todos os inválidos e indivíduos raptados que não pudessem caminhar.

Para o caso do distrito de Zavala, quando se fala das relações entre a população e a Renamo é preciso tomar em consideração que no distrito, a Renamo não chegou a instalar bases permanentes por muito tempo. As que podem ser consideradas como tal, encontravam-se na margem oeste do rio Inharrime, em Guambene.

Assim, os guerrilheiros da Renamo cuja relação com a população merecerá atenção, são homens sempre apressados, de passagem à procura de estabelecimentos comerciais, de alvos militares e da população para se abastecerem. Em Maculuva, à sua chegada, a Renamo instalou uma base em Ukhuni, conviveu com a população. Em pouco tempo, as forças governamentais chamaram a si o controle da situação, escorraçando a Renamo para a outra margem do rio Inharrime. Durante um período de pouco mais de seis anos, Maculuva foi palco dum braço de ferro equilibrado entre os beligerantes. A consequência imediata das confrontações foi o abandono da região por uma grande parte da população, podendo classificar-se Maculuva de zona de influência da Renamo. Aqui, ela circulava com tranquilidade a qualquer hora. A partir deste ponto, a Renamo lançava ataques rápidos cujo objectivo essencial era a obtenção de víveres.

---

<sup>54</sup> Massaete, 1999:59

Fontes locais afirmam que “os guerrilheiros da Renamo, inicialmente não eram violentos, pediam tudo o que necessitavam. A violência inicia quando são derrotados e corridos pelas FAM. Na sua fuga, levaram gado bovino e produtos alimentares sem pedir. Obrigaram-nos a carregar até Guambene. Não explicavam o objectivo da guerra, nós também não perguntávamos, tínhamos medo.”<sup>55</sup> “Quando chegaram perguntaram à população onde ficavam os militares da Frelimo. Pediam comida. Chegou o tempo em que passaram a levar tudo o que encontravam pela frente. Não diziam os objectivos da luta. Apenas diziam que lutavam para acabar com o sofrimento que os militares da Frelimo infligiam à população. Aí ficamos sem compreender nada porque diziam estar a lutar contra aquilo que também faziam.”<sup>56</sup> Para Mateus Maculuve,<sup>57</sup> a sua chegada, os guerrilheiros da Renamo não eram maus, conviviam com as pessoas: comia-se e bebia-se com os guerrilheiros da Renamo. A Renamo dizia exigir que se governasse como no tempo colonial mas a Frelimo recusava, é por isso que havia guerra. Prossegue dizendo que, muitos, gostaram da propaganda. Com o tempo essas pessoas ficaram arrependidas. Para ele a violência inicia quando a Frelimo move represálias contra pessoas por onde passassem os guerrilheiros da Renamo. Outro testemunho<sup>58</sup>, também diz que nos primeiros dias, os Matsanga (nome com que a Renamo era mais conhecida) não praticavam a violência, eram contra os dirigentes da Frelimo, contra os milicianos. Procuravam os chefes antigos (régulos) do tempo colonial, também procuravam os

---

<sup>55</sup> Entrevista: Maculuve, A.J.,(estudante) Quissico, 2001

<sup>56</sup> Entrevista: Dipuriane(camponesa), Maculuva, 2001

<sup>57</sup> Entrevista: Maculuve, M. (camponês/ancião), Maculuva, 2001

<sup>58</sup> Entrevista: Maculuve, T. F.(camponês), Maculuva, 2001



anciãos da zona para receber explicações, davam de comer e de vestir. Para ele, a violência inicia devido aos revezes que a Renamo sofria da Frelimo.

Para alguns, <sup>59</sup> “a política da Renamo foi de primeiro atacar as lojas e viaturas. Mas com o tempo as coisas foram acabando então, começaram a atacar o gado das populações, comida e *Majonejones* (mineiros). O maior número de vítimas eram os majonejones porque traziam comida da África do Sul.”

Deste modo, os guerrilheiros da Renamo tinham como principal fonte de abastecimento as populações. Numa primeira fase, ela adoptou uma política aparentemente pacífica. A Renamo pedia tudo o que necessitava à população. Esta situação não levou muito tempo, a violência, o saque ou o roubo passaram a ser métodos usados para a obtenção de apoio em mantimentos e informações.

Poucos souberam dos objectivos específicos da guerra movida pela Renamo o que terá prejudicado em grande medida a inserção do movimento no Distrito uma vez que, um dos requisitos básicos para o sucesso dum movimento guerrilheiro rebelde é “obter a adesão de alguns elementos da população os quais podem prestar um apoio que pode variar na aprovação passiva até à participação activa na luta. Para isso, é importante o estabelecimento de um tema político que vai servir de suporte à acção. O mesmo, deve consubstanciar uma causa atractiva, explorando devidamente determinadas motivações.”<sup>60</sup>

Por outro lado, as explicações sobre os motivos que estão por detrás da mudança de atitude da Renamo perante a população variam de pessoa para pessoa. Isto abre

---

<sup>59</sup> Entrevista: Sumará (comerciante), Quissico, 2001

<sup>60</sup> Couto, 1989:231

muitos contornos para a compreensão do caso. De qualquer maneira, as explicações do assunto andam em volta da escassez de recursos, perca de protagonismo em termos de apoio popular e sucessivas derrotas depois de uma penetração e expansão muito fácil.

Outra explicação das razões da violência praticada pela Renamo é de que a prática do terrorismo seria uma forma de obter publicidade para o movimento e a sua causa. Comprometer a população na luta e obter no mínimo a sua cumplicidade passiva. Obter concessões e, secundariamente, o desgaste da população que não simpatizasse com ela<sup>61</sup>. Esta situação verificou-se em Zavala onde as pessoas raptadas pela Renamo, em caso de fuga, se apanhadas eram publicamente castigadas ou mortas,<sup>62</sup> como forma de manter a população levando-a à quebra dos laços com as autoridades governamentais.

Este é o ambiente vivido entre a Renamo e a população de Zavala. Mesmo assim, não se pode refutar totalmente que a Renamo teve um suporte popular no distrito. A questão chave está na definição de "apoio popular." É verdade que apoio no sentido lato da palavra, numa forma geral a Renamo não teve. Mas tendo em conta que o apoio pode ser activo ou passivo, a Renamo contou com o apoio passivo da população. Este apoio era condicionado ao uso de práticas intimidatórias, da violência o que faz parte da estratégia dos movimentos guerrilheiros rebeldes. Em termos de recrutamento militar para as fileiras da Renamo, não há registo de pessoas que se entregaram voluntariamente. Contudo, alguns jovens raptados integraram-se na Renamo e combateram do seu lado.

---

<sup>61</sup> Couto, 1989:216

<sup>62</sup> Entrevista: Macave (camponesa), Maculuva, 2001

### 3- Estratégias de sobrevivência perante a guerra e a seca

A população de Zavala enfrentou a combinação da seca e guerra lutando constantemente pela sobrevivência. Devido à fome, muitas pessoas tiveram que vender os seus bens para poder sobreviver. Em Zavala, uma chapa de zinco é mais do que um material de cobertura de habitação. Ela constitui a principal fonte de captação de água para as cisternas. Quem não tem uma cisterna e chapas de zinco, para ter água tem que caminhar muitos quilómetros. De outro modo, a água é obtida em troca de trabalhos de lavoura ou do pagamento em dinheiro. Com estas dificuldades de acesso a água, as chapas de zinco têm muita importância para a população de Zavala. Todavia, com a fome, as chapas de zinco constituíram alguns dos principais bens vendidos pela população com vista a sobrevivência. Ironicamente, numerosos camiões cheios de vendedores ambulantes vindos da capital do país, saíam de Zavala carregados de chapas de zinco, loiças, mobiliários, máquinas de costura, mantas, rádios e outros bens de uso doméstico, o que em termos lógicos devia ser o contrário. Nos mesmos camiões podia-se ver animais domésticos como porcos, galinhas e cabritos, trocados por pequenas quantidades de milho amarelo ou feijão.<sup>63</sup>

Muitas pessoas passaram pelas experiências acima descritas mas também houve casos de gente que recorreu a frutas silvestres, algumas das quais nocivas à saúde. Alguns desses produtos localmente são conhecidos de *Tingekele* (extraída nas margens do rio) e *Tchirumbamati*. (frutas de cor amarela, com formato de uvas)<sup>64</sup> Além destas

---

<sup>63</sup> Entrevista: Mubai, C. (mecânico), Canda, 2001

<sup>64</sup> Entrevista: Maculuva, M. (camponês/ancião); Chissico, S. (camponês); entre outros. Zavala, 2001

frutas, a papaia e a manga verde eram cozidas no lugar da mandioca. As folhas de tomateiro, a *nkacana* passada a água e sal, o farelo de milho amarelo e as cascas de mandioca piladas faziam parte da dieta alimentar.

Em consequência da fome causada pela seca e guerra, registavam-se muitos roubos. Algumas pessoas eram obrigadas a passar por machambas de outras para roubar pequenas quantidades de mandioca ou mesmo uma papaia ou *nkacana*. Atitudes como estas constituíam um grande problema para com o dono da machamba, muitas vezes terminavam com a intervenção da polícia.<sup>65</sup>

Em relação à guerra, a principal estratégia de sobrevivência usada pela população para escapar foi o deslocamento. As matas constituíram os primeiros e os principais esconderijos da população. Sempre que houvesse um alerta da presença dos guerrilheiros da Renamo a população abandonava tudo e metia-se no mato. Daqui só saía depois de ter a certeza do regresso dos guerrilheiros da Renamo para as bases. Esta estratégia era usada em casos de raídes rápidos realizados de dia. Quando os guerrilheiros da Renamo passaram a circular de noite, a população transferiu as residências para o mato. É no mato onde se pernoitava, as casas eram frequentadas somente de dia.<sup>66</sup>

Estas estratégias usaram-se enquanto se acreditava na melhoria da situação. Na região de Maculuva, esta estratégia vigorou até finais de 1986 e princípios de 1987. A estratégia vigorou até este momento porque no dizer de Maria Mboane e Saugineta José

---

<sup>65</sup> Entrevista: Joaquim (Primeiro Secretário da Frelimo do Distrito), Quissico, 2001

<sup>66</sup> Experiência do autor.

Macave,<sup>67</sup> “já haviam-se esgotado todas as possibilidades de escapar da guerra. Não havia mais esperança da melhoria da situação.” Muita gente abandonou as suas terras a procura de zonas mais seguras. É de realçar que todos os deslocados foram bem recebidos nos locais de chegada e receberam terra para habitação e cultivo. Os principais focos de concentração de deslocados eram Zavalene, Dunhe, Maietene, Juletene, Helene, na costa índica. Excepcionalmente, estas zonas a nordeste de Zavala não foram afectados pela guerra. Tal deveu-se à sua localização estratégica pois são zonas sem saída fácil e tinham Quissico como seu escudo protector. Nos primeiros dias da vida como deslocado, enquanto se esperava pela primeira colheita, a fonte de alimentação era a comida pelo trabalho nas machambas dos que tinham alguma coisa: os antigos residentes ofereciam produtos alimentares em troca de trabalhos de cultivo.

Paradoxalmente, aquando da fome de 1992, a região despovoada de Maculuva, sob influência da Renamo, o caju era abundante. Esta situação levou muitas pessoas a arriscarem as suas vidas em busca de castanha em Maculuva. Muitos dos que eram apanhados pelos *matsangas* eram executados<sup>68</sup>

Estas são algumas das experiências individuais vividas pela população para se salvar da fome e da guerra podendo concluir-se que a venda de objectos de uso doméstico, do gado e o espírito de solidariedade para com os deslocados de guerra foram os grandes trunfos que a população usou para se salvar da fome e guerra. Muitos entrevistados ainda permanecem nas terras onde se refugiaram e os que regressaram guardam boas recordações e amizades.

---

<sup>67</sup> Entrevista: Mboane; Macave (camponesas), Maculuva-Zavala, 2001

<sup>68</sup> Entrevista: Dipuriane (camponesa), Maculuva, 2001.

### III - A ajuda humanitária de emergência em contexto de guerra e seca

Com vista a fazer face às consequências da seca, o governo criou o DPCCN, em 1980. Este tornou-se a partir de 1985 na instituição responsável em socorrer a população deslocada e afectada pela situação de insegurança vivida no país. Já nos princípios da década de noventa, o DPCCN tinha como papel principal garantir o fornecimento de alimentos básicos à população rural deslocada e ou afectada pela guerra e seca.<sup>69</sup>

Enfrentando a combinação do impacto da guerra e seca, o Governo reconheceu que não tinha mais recursos suficientes para providenciar alimentos e outros bens de primeira necessidade. É neste ambiente que em Janeiro de 1983 o Governo lança um apelo para a ajuda com vista a combater a pior seca no país dos últimos cinquenta anos. Em Julho do mesmo ano, o Governo assina um acordo com o Programa Mundial para a Alimentação. O acordo visava criar uma reserva de sessenta mil toneladas de cereais.<sup>70</sup> Em Março de 1987 é lançado em Genebra mais um apelo internacional para a assistência de emergência. Devido à persistência da situação de emergência, a Comunidade Internacional reafirmou o seu apoio a Moçambique nas conferências internacionais de apoio de emergência realizadas em Maputo e Nova York em 1988-1989, e 1990<sup>71</sup>. Ainda neste âmbito, o governo lançou o Programa de Reabilitação Económica com vista a parar a deterioração da economia do país.<sup>72</sup> “O PRE tem as suas raízes nas grandes reformas introduzidas após o IV Congresso do Partido Frelimo, em 1983. Entre outras

---

<sup>69</sup> Ministério da Agricultura, et al, 1992:14

<sup>70</sup> Ratilal, 1989:56

<sup>71</sup> Ratilal, 1989:73

<sup>72</sup> WHO, 1990:36

medidas, as reformas constituíram uma tentativa de corrigir os erros das anteriores políticas económicas. Também visavam estancar a crise económica alimentada pela guerra de desestabilização. Todavia, para implementar o PRE era necessário apoio monetário internacional. Incapaz de conseguir fundos de assistência externa nos antigos parceiros do Leste, Moçambique virou-se para os países do Ocidente. Em Agosto de 1984, na esperança de obter melhor acesso à linha de crédito internacional, Moçambique adere ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Após demoradas negociações com o FMI e o Banco Mundial, em 1985 e 1986, Moçambique conseguiu acordar com o FMI um programa de reformas económicas de três anos visando arrancar a economia desgastada pela guerra ao declínio crónico que vinha experimentando desde 1981.”<sup>73</sup>

Para canalizar a ajuda de emergência estabeleceram-se os órgãos: primeiro, Conselho Coordenativo para a Prevenção e Combate às Calamidades Naturais (CCPCCN) composto por membros do Conselho de Ministros, era responsável pelas discussões políticas gerais. Normalmente reunia-se uma vez por ano sob presidência do Ministro da Cooperação. Segundo, Comité Executivo Nacional para a Emergência (CENE), supervisava e coordenava as operações diárias. Também era presidido pelo Ministro da Cooperação. Terceiro, Comité das Operações de Emergência (COE). Este órgão jogava um papel crítico na coordenação de todas as actividades de emergência relatadas. Nas suas reuniões participavam doadores, ONGs, agências da ONU e outras estruturas do Governo. Quarto, Conselho Técnico de Emergência (CTE), presidido pelo coordenador do CENE. Era composto por representantes das unidades sectoriais de emergência com vários ministérios (Ministérios da Educação, da Saúde, da Agricultura, Construção e Águas, dos Transportes e do Comércio) envolvidos nas actividades de

---

<sup>73</sup> Rocsch, 1992:10

emergência. Em sexto, a Comissão Provincial de Emergência (CPE), presidida pelo Governador de cada província. As CPE agiam no planeamento de emergência, recolha e análise de dados em todos os sectores dos distritos, recebiam missões técnicas e submetiam propostas para a aprovação no governo provincial. Por fim, as Reuniões Nacionais de Emergência, realizadas quatro vezes por ano. Nelas tomavam parte: membros do Governo Central, oficiais do CENE e unidades de emergência nos vários ministérios, membros dos Governos provinciais e do DPCCN a nível provincial, alguns administradores distritais e representantes de organizações sociais como de jovens e mulheres. Algumas sessões eram assistidas por representantes dos doadores bilaterais, ONGs e organizações religiosas. A primeira reunião realizou-se em Agosto de 1987 em Tete, a segunda no mês de Dezembro em Inhambane, a terceira em Abril de 1988 em Maputo e a quarta em Outubro de 1988, na cidade de Quelimane.<sup>74</sup>

Duma forma geral, os esforços descritos dizem respeito à canalização da ajuda humanitária nas áreas sob controlo do governo. Tal deve-se ao facto de a Renamo, como movimento ou organização política, até então não ter conseguido necessária legitimidade por parte do Governo e da Comunidade Internacional. O não reconhecimento da Renamo por parte do Governo está patente no discurso do então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pascoal Mocumbi. Num encontro com doadores, Mocumbi chama a Renamo de bandidos e associa-a à política de desestabilização do Apartheid.<sup>75</sup> A prioridade das áreas do governo em matéria de assistência humanitária é demonstrada pelo facto de “os apelos das Nações Unidas (1987-1992) para a ajuda de emergência em

---

<sup>74</sup> Ratilal, 1989:76-80

<sup>75</sup> Statement..., (s.d): 5



Moçambique colocarem claramente o conflito moçambicano no contexto da estratégia de desestabilização sul-africana contra os Estados da África Austral, o que nega um estatuto político à Renamo.

O facto de se supor que a Renamo não merecia apoio de emergência por ser um movimento sem legitimidade política e sem suporte popular remete à questão de questionar porquê e como o movimento conseguiu sobreviver numa situação de crise alimentar aguda.

Até 1984, nenhuma Organização Não Governamental estabelecida em Moçambique havia levantado a possibilidade de assistência de civis das áreas da Renamo<sup>76</sup>. Partia-se das informações sobre o recrutamento forçado de civis para as hostes militares da Renamo e sobre a diferenciação entre os estatutos civil e militar nas áreas da Renamo para argumentar que era difícil assegurar que a assistência de emergência só beneficiaria vítimas civis, e não soldados ou outro pessoal militar.<sup>77</sup> Por volta de 1988, foi aceite que o CICV tivesse um mandato legítimo para trabalhar nas áreas da Renamo apoiando as vítimas civis da guerra.<sup>78</sup> Quando o presidente do CICV visitou Moçambique em 1987, o princípio de assistência às vítimas civis de ambos os lados foi aceite pelo presidente Chissano. Todavia, faltavam contactos com a Renamo. Em 1988 o CICV recebeu autorização de ambos os lados para apoiar as vítimas do conflito onde quer que se encontrassem. A primeira missão de avaliação do CICV numa área da Renamo teve lugar em 1988 no distrito de Chemba, no norte da província de Sofala. Nesse ano tiveram lugar as operações nas províncias de Sofala e Zambézia.

---

<sup>76</sup> Barnes, (s.d): 2

<sup>77</sup> Vines, 1991: 91; Gersony, 1988:10

<sup>78</sup> Barnes, (s.d): 5

As primeiras actividades consistiram em assistência médica, fornecimento de bens não alimentares e ajuda alimentar limitada<sup>79</sup>.

Entre 1988 e 1992, o CICV continuou a expandir as suas operações nas províncias de Sofala, Manica, Gaza e Zambézia constituindo a única fonte de informações sobre as necessidades humanitárias nas áreas da Renamo. Assim, paulatinamente, a Renamo ia ganhando a sua imagem internacional, conseguindo ao mesmo tempo travar a perda das populações devido à fome. A situação registou melhorias significativas com o início das negociações para a paz, em 1990. Ainda que a ajuda internacional superasse a falta de alimentos, a tarefa de fazer chegar os produtos às vítimas, tornou-se uma grande complicação para o Governo assim como para as ONGs.

Os principais obstáculos para a canalização da ajuda humanitária eram a falta de segurança nas vias de acesso, a falta de transporte e o precário estado das estradas moçambicanas.<sup>80</sup>

Para ilustrar a gravidade da falta de transporte basta verificar que, entre 1983-1984, a International Peace Academy calculava “não existir mais de um camião ou machimbombo para cada seiscentas pessoas.”<sup>81</sup> A falta de transporte era agravada pelo mau estado das estradas, sistematicamente sabotadas pela guerra.

Entre 1990-1991, o governo e as Nações Unidas reconheciam para além da falta de meios de transporte, de segurança, e da falta de combustíveis, o problema de desvios

---

<sup>79</sup> Barnes, S. (s.d): 5

<sup>80</sup> Mozambique... (s.d): 13; UNDP, 1987:24; Government... & UN, 1990: 7; Hanlon, 1992:62; UNDP, 1987: 9

<sup>81</sup> IPA, (s.d): 6

que resultavam na perda de produtos, particularmente o milho transportado de comboio do Zimbabwe e ainda o milho que passava dos portos de Maputo e Beira. A existência de evidências que mostravam que tais práticas eram acções organizadas levou o Conselho de Ministros a criar uma comissão de inquérito para averiguar a situação de roubo da ajuda alimentar. A comissão foi criada em conexão com 246 casos de roubo dos quais 189 ocorreram nos comboios<sup>82</sup> Por outro lado, em determinados períodos assistiu-se à politização da fome em Moçambique. Por muito tempo o PAM recusou-se a trabalhar nas províncias mais afectadas de Gaza e Inhambane, alegando motivos de segurança. A mesma organização obstruiu o apelo de ajuda de 1983 por meios burocráticos, alegando que a requisição não estava propriamente formulada. Estes factos levam Hanlon (1984)<sup>83</sup> a afirmar que “a ajuda alimentar só aumentou quando as potências ocidentais tiveram a certeza de que Moçambique estava do seu lado,” e aponta a visita de Samora Machel a Europa (Portugal, França, Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda, CEE e Jugoslávia), em Outubro de 1983 como factor chave da mudança de atitude por parte do Ocidente.

Contudo, a confiança do Ocidente no Governo moçambicano não resolveu todos os problemas da situação humanitária em Moçambique. A persistência de ataques às colunas de abastecimento, acompanhada pelo agravamento da seca, despertou a necessidade de se criarem condições que facilitassem a canalização da ajuda humanitária até regiões remotas onde o acesso era praticamente impossível o que, acabou por ter influência nas negociações para a paz.

---

<sup>82</sup> *Gouvernement ... & United Nations*, 1990:7

<sup>83</sup> Hanlon, 1984:253

## 1- A situação concreta de Zavala

A ajuda humanitária em Zavala circunscreveu-se às áreas sob o controle do Governo. Isto de forma alguma, subestima o princípio de neutralidade que norteia as agências humanitárias. A prioridade das áreas do governo em matéria de assistência humanitária é justificada pelo facto de “os apelos das Nações Unidas para a ajuda humanitária de emergência em Moçambique, entre 1987 e 1992, colocarem o conflito moçambicano no contexto da estratégia de desestabilização sul-africana contra os Estados da África Austral.”<sup>84</sup> Fora desta realidade, como ficou referido atrás, a Renamo não teve bases permanentes no distrito de Zavala, o que significa que a população que a Renamo mantinha nas bases estava em constante movimento em conformidade com a dinâmica da guerra. O que pode constituir um grande obstáculo para se proceder a assistência a essas populações.

As comissões de emergência haviam se estendido até ao nível da base. Esta situação também se registou no distrito de Zavala. O governo instalou uma delegação do DPCCN encarregue de coordenar a distribuição da ajuda de emergência. O apoio era centralizado, os produtos chegavam através do DPCCN provincial que por sua vez recebia os produtos de Maputo e fazia a gestão de acordo com a realidade da província. Devido à exiguidade de meios, o DPCCN somente mandava os produtos para a sede distrital onde agentes económicos (comerciantes), através de meios próprios e escoltas militares, levavam os produtos junto das populações necessitadas. Segundo Alberto André Massagae, os comerciantes desempenharam um papel preponderante na distribuição dos produtos no interior do Distrito. No interior, os secretários dos

---

<sup>84</sup> *Gouvernement... & United Nations*, 1990:3

povoados, os chefes de posto é que se responsabilizavam pela distribuição da ajuda humanitária

A canalização da ajuda humanitária em Zavala enfrentou obstáculos gerais como a falta de transporte, o deficiente estado das vias de acesso e do constante estado de insegurança nas estradas. Por exemplo, na zona de Chimbala, era frequente emboscarem-se carros. O então administrador do Distrito Alberto André Massangae<sup>85</sup>, fala mesmo de fuga de informações sobre os dias e horas da saída de camiões da ajuda humanitária para o apoio das populações. Vista pela população, a questão da distribuição da ajuda humanitária, é muito controversa. Há muitas acusações de desvios de produtos por parte de secretários das povoações e seus colaboradores. Por outro lado, fala-se de desentendimentos entre a administração do distrito, a delegação do DPCCN e os comandantes militares sobre as modalidades de distribuição dos bens. O litígio terminou com a atribuição de responsabilidade de gestão e distribuição da ajuda ao delegado do DPCCN e ao representante do Conselho Cristão de Moçambique, para o caso dos bens fornecidos com o apoio daquela organização<sup>86</sup>

Para Jorge Machatine “houve tempo em que foi enviada comida. Os chefes desviaram a comida: óleo, milho facas e pratos. Nós sofremos até ao fim da guerra. Quem nos acudiu foi a igreja católica”<sup>87</sup>. “Durante a fome de 1992 vivíamos do fornecimento de milho, matávamo-nos para receber o milho e este não chegava para todos. Alguns recebiam mais que os outros, principalmente os chefes de zona e os seus

---

<sup>85</sup> Entrevista: Massangae (antigo administrador), Quissico, 2001

<sup>86</sup> Entrevista: Dgedge (funcionário do Registo Civil), Sumará (comerciante). Quissico, 2001

<sup>87</sup> Entrevista: Machatine (Camponês), Zandamela-Zavala, 2001

familiares. Nós a maioria, não apanhávamos o milho.”<sup>88</sup> Artur Ferreira<sup>89</sup>, considera que as queixas não podiam faltar porque haviam pessoas que não apanhavam nada e outras que apanhavam. Concluí que a distribuição fazia-se de acordo com as possibilidades.

O descontentamento da população perante os mecanismos usados na distribuição da ajuda de emergência era frequente<sup>90</sup>. Contudo, a população reconhece que um dos elementos que ajudou a atravessar a crise vivida foi justamente a ajuda humanitária. Portanto, não se pode concluir que a distribuição da ajuda humanitária no distrito tenha sido um fracasso

Como parte de Moçambique, Zavala, também enfrentou os mesmos problemas que neste período assolavam as restantes partes do país.

Apesar dos problemas levantados, Zavala é uma opção certa para o estudo. Tal como outras regiões do país, o distrito conheceu a combinação da seca e da guerra. O processo de canalização da ajuda às vítimas destas calamidades era deveras prejudicado pela continuação da guerra. E estes foram os pressupostos usados pela comunidade doadora com vista a disponibilização de ajuda de emergência

---

<sup>88</sup> Entrevista: Makhule (camponesa), Canda-Zavala, 2001

<sup>89</sup> Entrevista: Ferreira (comerciante), Zavala, 2001

<sup>90</sup> O facto de as entrevistas terem sido feitas num período com indícios de uma má campanha agrícola, pode ter influenciado os depoimentos da população, na expectativa de, numa eventual ajuda de emergência beneficiar de uma maior atenção. Sustenta a hipótese o facto de, mesmo com uma explicação dos objectivos das entrevistas, a população procurar apresentar as suas dificuldades e mandar recomendações para o governo.

Em Zavala a fome que atingiu o pico em 1992 mudou em grande medida a dinâmica da guerra. Embora a população diga que com a seca, a guerra intensificou-se, na realidade, ela abrandou. Com a fome, a Renamo virou-se essencialmente para a procura dos camponeses, como forma de encontrar alguém que garantisse o reabastecimento. É verdade que a estratégia dos movimentos guerrilheiros rebeldes é de evitar confrontações militares directas.<sup>91</sup> Mas com a seca, esta estratégia foi mais aplicada que anteriormente. A Renamo estava com sérios problemas logísticos. Sobrevivia do que conseguia nas emboscadas de viaturas das agências humanitárias, dos comerciantes e dos mineiros. O então administrador e comandante em chefe do distrito<sup>92</sup>, afirma que houve um desequilíbrio de forças a favor do governo como resultado da fome. Acrescenta que esta situação terá contribuído para que o período de 1991-1992 fosse caracterizado por uma expectativa e contenção dos beligerantes. As próprias forças do Governo já não faziam grandes operações contra as bases da Renamo.

## **2- A ajuda humanitária e o Acordo Geral de Paz**

### **2.1- Pressões internacionais para o fim da guerra**

Com a situação descrita, a canalização da ajuda humanitária passava necessariamente pela existência de escoltas militares que protegessem os comboios e camiões transportando alimentos. Era indispensável a existência de um exército no mínimo moralizado e bem equipado. Todavia, entre 1988-1992, o exército governamental estava cansado, esfomeado, mal treinado e sem ânimo para combater. Os

---

<sup>91</sup> Couto, 1989:224

<sup>92</sup> Entrevista: Massagae (antigo administrador), Quissico, 2001

problemas de corrupção no exército aumentavam e foram tornados públicos no decorrer do V congresso, nos princípios de 1989.<sup>93</sup> Este estado do exército conseqüentemente conduzia à vulnerabilidade da segurança no país o que criava um certo receio nas organizações humanitárias em canalizar a ajuda a todas as regiões.

Assim, por volta de 1990, a guerra limitava o acesso às populações civis em áreas do governo isoladas e o CICV começou a discutir a possibilidade de “corredores humanitários” como meio de conseguir acesso com segurança às populações afectadas. Em 1988, registou-se o início de iniciativas políticas para promover contactos entre o Governo e a Renamo, iniciativas essas formalizadas a partir de Junho de 1990, quando delegações moçambicanas de ambas as partes se encontraram em Roma pela primeira vez. Nesta altura, o acesso da ajuda humanitária estava a tornar-se a grande preocupação da Comunidade Internacional. Porém, nem a delegação do governo, nem a da Renamo, queriam introduzir a questão humanitária nas negociações formais. Em Abril de 1991, quando o espectro da seca na África Austral se tornou evidente, as Agências da ONU e as ONG envolvidas nas actividades de ajuda começaram a pensar na possibilidade de fornecer ajuda a civis nas áreas da Renamo<sup>94</sup>. Em 1992, a questão da segurança desempenhou um papel muito importante na pressão dos beligerantes com vista a um entendimento para a paz razão pela qual nenhuma ONG americana havia solicitado à sua embaixada autorização para se deslocar às áreas da Renamo, preferindo que os EUA

---

<sup>93</sup> Hanlon, 1991: 34

<sup>94</sup> Barnes (s.d): 6



fornecessem apoio ao CICV a submeter as suas ONGs a riscos para os quais não estavam preparadas.<sup>95</sup>

Com o agravamento da seca, em 1992, as agências humanitárias aumentaram a pressão e, em Fevereiro de 1992, uma missão da USAID, nas suas recomendações finais, salientava a necessidade de se continuar a pressionar para se estabelecer corredores humanitários nas áreas da Renamo, de forma a evitar-se a perda de vidas humanas<sup>96</sup> Por outro lado, a dimensão regional da seca também teve grande impacto nas negociações uma vez que todos os países da SADC, afectados pela seca, tinham lançado um alerta em Janeiro de 1992. Recorde-se que países como o Zimbabwe e o Malawi, precisam de portos moçambicanos para a importação e exportação das suas mercadorias. Portanto, era importante a pacificação de Moçambique para facilitar a canalização da ajuda humanitária naqueles países que, além das populações locais contavam com milhares de refugiados moçambicanos. Sam Barnes (1992), refere ainda que, em Fevereiro de 1992, o CICV reportava crescentes problemas de segurança no interior de Moçambique, tanto nas áreas do Governo assim como da Renamo. Em 1 de Março, o CICV emitiu um “memorandum” a ambos os lados, solicitando que respeitassem os direitos fundamentais da população civil.

Em Abril, o Secretário de Estado Adjunto para os Assuntos africanos, Herman Cohen, encontra-se com os líderes da Frelimo e da Renamo, respectivamente Chissano e Dhlakama, instando ambos a assinar um Cessar-fogo que permitisse que os bens de emergência chegassem por terra a toda a parte, enquanto prosseguiam as discussões

---

<sup>95</sup> Barnes, (s.d): 7. Esta situação não era nova já em 1983 o PAM condicionara a ajuda humanitária à criação de de condições mínimas de segurança: Hanlon, 1984: 253

<sup>96</sup> Barnes, (s.d): 7

políticas e militares. Em inícios de Julho, Mario Rafaelli, um dos mediadores italianos, propunha que representantes das agências humanitárias fossem convidados a ir a Roma para discutir o problema de como assegurar que a ajuda humanitária chegasse a todas as áreas de Moçambique, o que é aceite pelos negociadores chefe da Renamo e do Governo e, imediatamente, as agências da ONU (PNUD, PMA, UNICEF) são convidadas a ir a Roma para se juntarem ao CICV e à CARITAS nas negociações para discutir questões práticas dos “corredores humanitários”. As organizações humanitárias propõem uma declaração preliminar sobre princípios humanitários e uma trégua parcial com fins humanitários<sup>97</sup>

Os factos mostram que os beligerantes estavam a sofrer pressões de todos os lados, razão pela qual acabaram aceitando as propostas das agências humanitárias, assinando “A Declaração do Governo da República de Moçambique e da Renamo sobre os princípios orientadores da ajuda humanitária.”<sup>98</sup> A Declaração recomendava que devia haver liberdade de movimento de todos os que, sob a bandeira do CICV estivessem envolvidas em operações humanitárias sem escolta militar. Estabelece ainda o uso de todos os meios de transporte e defende que o governo e a Renamo devem prosseguir com as negociações respeitantes à abertura de estradas para as operações humanitárias. A versão final dos princípios humanitários estabelece igualmente que as Nações Unidas presidiriam ao comité que tinha a responsabilidade de coordenação e supervisão de todas as operações de assistência humanitária. A 23 de Julho, o Comité de Assistência Humanitária reunia pela primeira vez em Maputo. Para que os planos operacionais

---

<sup>97</sup> Barnes, . (s.d): 9-10; della Rocca, 1998: 128-130

<sup>98</sup> Acordo Geral de Paz, 1992; Barnes, (s.d): 10

fossem aprovados era necessário um contacto estreito com o Governo e a Renamo. Foi então estabelecido um Grupo Técnico de Logística e Operações do Comité Executivo Nacional de Emergência, com representantes da Renamo, do Governo, das agências operacionais da ONU e do CICV, para analisar planos semanais de distribuição de alimentos.<sup>99</sup> O alcance deste entendimento não significou, de forma alguma, o fim dos obstáculos para a canalização da ajuda humanitária, uma vez que a falta de confiança entre as partes envolvidas no conflito persistiu, daí que a necessidade de um Cessar-fogo continuasse na agenda da mesa negocial.

Os esforços com vista a permitir a canalização da ajuda humanitária não acabaram com o sofrimento das populações. As pressões das agências humanitárias sobre os beligerantes constituíram alguns dos factores que conduziram a assinatura do um acordo geral de paz a 4 de Outubro de 1992. O cessar-fogo entrou em vigor a partir de 15 de Outubro do mesmo ano.<sup>100</sup>

A assinatura deste acordo, por um lado confirmou a incapacidade dos beligerantes em prosseguir com a guerra perante os efeitos da seca e, por outro, é reflexo do fim do Apartheid na África do Sul, principal apoiante da Renamo. Além destes factores, o papel da Igreja Católica, das Igrejas Protestantes e o esforço pessoal do presidente da República assim como do presidente da Renamo, também contribuíram para o fim da guerra.

De qualquer maneira, o AGP não significou o fim das operações de ajuda humanitária. Pelo contrário, estas tornaram-se mais sistematizadas e, no prosseguimento

---

<sup>99</sup> Barnes, (s.d):10

<sup>100</sup> Idem

do AGP e do estabelecimento da ONUMOZ pelo Conselho de Segurança da ONU a responsabilidade de coordenação da ajuda humanitária foi passada à organização para a coordenação da assistência humanitária.

Nos princípios de 1993, a guerra e a seca, os principais factores da situação de emergência, estavam ultrapassados, e o Governo declarou oficialmente o fim da situação de emergência no país.<sup>101</sup> Mesmo assim, a assistência humanitária continuou a ser uma prioridade devido à contínua necessidade para assistir a refugiados regressados, pessoas deslocadas internamente, soldados desmobilizados e seus dependentes.

Portanto, paralelamente à conjuntura política internacional, ao papel do Conselho Cristão de Moçambique (CCM), da Comunidade de Santo Egídio e da “boa vontade” dos políticos, as condições no terreno favoreciam uma solução negociada para o conflito. Terá jogado um papel importante para o efeito, a ruína da economia camponesa, o ponto de apoio dos beligerantes

---

<sup>101</sup> UNDP, 1995: 72

#### IV- Considerações finais

A combinação da seca e guerra por um período de pouco mais de dez anos trouxe consequências drásticas para a vida social e económica das populações do país. Não é fácil fazer estimativas do número das vítimas da fome causada pela seca e pela guerra. Acredita-se que houve perto de cem mil mortos devido à fome entre 1983-1984<sup>102</sup> contudo, estes números estão longe da realidade mesmo considerando a hipótese de os dados terem sido exagerados com vista a chamar mais atenção à comunidade doadora. Na verdade ninguém sabe quantas pessoas morreram pela fome e guerra nas matas.

Quando, depois de muitos receios, a comunidade internacional decidiu lançar o apoio de emergência para Moçambique, a canalização da ajuda enfrentou problemas de assaltos a mão armada, o estado precário das estradas, a falta de transporte, os roubos e a corrupção dificultaram ainda mais as operações de socorro.

Por muito tempo as operações de ajuda humanitária restringiram-se às áreas sob controlo do governo, uma vez que a guerra em Moçambique não tinha um estatuto de guerra civil, sendo vista como uma agressão do regime do Apartheid.

As zonas sob controlo da Renamo só vieram a beneficiar da ajuda humanitária sistemática com o advento das negociações para a paz. Antes da assinatura do AGP as organizações humanitárias internacionais fizeram uma forte pressão aos beligerantes com vista a alcançarem um entendimento que garantisse a assistência humanitária em segurança para todos os necessitados. Estas pressões resultaram na assinatura da "Declaração do Governo de Moçambique e da Renamo sobre os Princípios Orientadores

---

<sup>102</sup> Simão et al, 1994:45

da Ajuda Humanitária". Este entendimento espelha as consequências imediatas da seca para o desenrolar da guerra, tanto mais que a base de abastecimento dos beligerantes era a economia camponesa. Com a ruína desta, não restavam muitas alternativas a não ser a assinatura do AGP para permitir a canalização da ajuda humanitária em ótimas condições de segurança para todos os necessitados.

Tal como grande parte do país, Zavala também enfrentou o problema da combinação da seca e da guerra. Não se sabe quantas pessoas morream da seca e da guerra. Muitas escolas unidades sanitárias e estabelecimentos comerciais foram destruídos pela guerra.

A população de Zavala carregou o fardo da guerra: tanto para as forças governamentais assim como para os guerrilheiros da Renamo, o abastecimento dos beligerantes em parte dependia da população. Perante o flagelo da guerra e da fome, os zavalenses desenvolveram estratégias de modo a poderem sobreviver.

Em relação à fome, na sua maioria a população sobreviveu graças à venda de bens de uso doméstico e de animais de pequeno porte. Quanto à forma de escapar da guerra, de referir que alguns locais do distrito ficaram totalmente despovoados enquanto que outros, mais seguros registavam uma superpovoação. O espírito de solidariedade entre a população foi posto à prova uma vez que muitas pessoas deslocavam-se para regiões mais seguras para escapar da guerra. Muitos dos deslocados foram bem recebidos no refúgio tendo recebido terra para cultivo e para habitação. Ainda hoje, muitas das pessoas que se fixaram noutras regiões devido à guerra, lá permanecem.

Pelo facto de Zavala ter enfrentado os mesmos problemas colocados pelas agências humanitárias de emergência, é válido considerar a seca e a ajuda humanitária como factores que aceleraram o processo de paz em Moçambique. Por outro lado, com a

seca a dinâmica da guerra tomou novos contornos. Cessaram as operações de grande envergadura, registou-se uma contenção dos beligerantes. O alvo principal da Renamo passou a ser a população para dela extrair algo para-se alimentar.

A pressão humanitária para acabar com a guerra no contexto da seca, não foi obviamente o único factor por detrás do acordo de paz em Moçambique. A Igreja Católica, as outras igrejas protestantes através do Conselho Cristão de Moçambique, o fim do Apartheid, a concertação política e a boa vontade do presidente da República e do líder da Renamo, fazem parte de uma gama de factores que contribuíram para o fim da guerra.

## Bibliografia

### Livros e artigos

Couto, Abel Cabral (coronel de artilharia), 1989, *Elementos de estratégia: Apontamentos para um curso, Vol. II*, Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Geffray, Christian, 1989, *Erati en Guerre: Genese Developpment et Reproduction de la situation de Guerre Dans le Nord Du Mozambique: Distrirts de Namapa et Erati*, Paris: Autor.

Gersony, Robert, 1988, *Summary of Mozambique Reffugee Accounts Principal Conflict. Related Experience in Mozambique*, Washington: U.S. Department of State.

Guerra, João Paulo, 1988, *Os Fêchas atacam de novo*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1988.

Hanlon Joseph, 1984: *Mozambique: The revolution under fire*. London Zed.

Hanlon Joseph, 1991: *Mozambique: Who calls the shots?* London: James Carry

Harneit-Sievers, Axel; Ahazuem, Jones O., Emezue, Sydney. *A social History of Nigerian Civil War: perspectives from below*. Enugu: Jemizie Associates, 1997p49

Hodges, Tony. "Donors pladges \$270 mn at Maputo: Mozambique Emergency Plan Highligts Rehabilitation". *Africa Recovery*, Vol.2, nº2 (Junho1988) p6-9

Johnson, Phyllis & Martin, David, 1986. *Destrutive Engagemet: Southern Africa at War*. Harare: Zimbabwe Publishing House.

Metz, Steven, "The Mozambique National Resistance and South Africa Foreign Policy", in *African Affairs*, 85(341):491-507

Minter, William, 1989, *The Mozambican National Resistance (Renamo), as Described by ex. Participants* - Research Report Submeted to Ford Foundation and Swedish International Development Agency, Washington Dc.





Nilsson, Anders, 1999: *Peace in Our Time: Towards a holistic Understanding of World Society Conflicts*. Goteborg: Padrigu Papers

Rocca, Roberto Morozzo della, 1998: *Moçambique: Da Guerra à Paz, História de uma Mediação Insólita*. Maputo: Livraria Universitária UEM

Roesch, Otto, 1992. "Reforma Económica em Moçambique: Notas Sobre a Estabilização, Guerra e a Formação das Classes," *In Arquivo: Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique, N°11 Maputo pp5-32*.

Roesch, Otto. "Renamo and Peasantry in Southern Mozambique: a view from Gaza Province" in *Canadian Journal of Africa Studies*, 26 3(1992)462-484

Vines Alex, 1991 *Renamo, Terrorism in Mozambique*. London: Indiana University Press.

Camacho Paulo, 4/03/1989: "A herança de Machel". *Expresso* (Lisboa). p 4-9

#### Relatórios e seriados

ACNUR, PNUD, 1997: *Perfis de Desenvolvimento Distrital: Distrito de Zavala, Província de Inhambane*. Maputo.

Barnes, Sam (s.d). *A Assistência Humanitária como factor nas negociações para a paz em Moçambique: 1990-1992*

Cournet Bernard, 1978: *Dossier Mozambique*. Organizado com a colaboração dos Serviços de Informação da Embaixada da República Popular de Moçambique em Paris por ocasião da visita a França do presidente Joaquim Chissano, 28/29 de Setembro.

Ferreira, Sérgio; Moyo, Stuart et al, (s/d). *Instituto Nacional de Meteorologia: Zonas Afectadas por Ciclones Tropicais e secas em Moçambique no período (1960-1988)*.

Maputo

Grupo Técnico Multisectorial de gestão de calamidades pragas e seca, Novembro de 1998. Maputo

International Peace Academy. *Peace, security and humanitarian relief in Northern Mozambique*. New York(s/d)34p

Borges Coelho, João Paulo e Macaringue, Paulino, 2000, An Historical Approach to the Role of Mozambique Armed Forces in Changing Security Context, *In Universidade Eduardo Mondlane, ISA/CEA, Programa de Gestão da Defesa: Primeiro Curso Executivo de Gestão Da Defesa: Textos de Apoio*, Maputo, Inédito.

Kure J.S.,1994: *World Health Organization emergency Preparedness and response: Mozambique Demobilization Programme, Health Component Draft report*. Maputo.

Ministério da Agricultura, Ministério da Saúde, et al.: Outubro de 1992 *Relatório da Conferência Internacional sobre nutrição*. Maputo.  
Mozambique Since Nkomati. [s/refs,]28p

Programa Mundial para a Alimentação, 2000: *Moçambique em guerra e em paz*. Maputo

Ratilal, Prakash, 1989. *Mozambique: Using Aid to End Emergency*. Maputo: UNDP

Simão, Leonardo; Nkamany, Kamba, et al, 1994. *Mozambique Disaster Profile: Contribution for Emergency Preparedness and Planning*. Maputo: WHO.

Statement by Dr. Pascoal Mocumbi: Foreign Minister of Mozambique to the SARRED conference. Oslo, (s.d.), 13p

*The Emergency Situation in Mozambique: Priority requirements for the period 1990-1991*. Prepared by the Government of Mozambique in collaboration with the United Nations. New York: United Nations. 1990[15]p

• UNDP,1995 *Development co-operation, 1992-1993 Report, Maputo, Programme, Health Component Draft Report*

UNDP, 1987. *Emergency Situation in Mozambique 1986-1987*. Maputo

World Food Programme, 1992 *Food Aid Review*

## Teses

Massaeite, Boaventura Salvador, 1999. *Chicualacuala: A guerra na fronteira, 1975-1992*. Maputo. Tese de Trabalho de Licenciatura. Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras, Departamento de História.

## Entrevistas

Buque, Flora Zunguze, ( camponesa), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Calú, Milate Jané, (comerciante), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 23 de Janeiro de 2001.

Chiponde, Mirando Simão, (desempregado em Maputo), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 16 de Janeiro de 2001

Chissico, Samuel Jossefa, (camponês), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001

Chissico, Xandreque, (camponês), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001

Dgedge, Eugénio José, (Oficial de Registo Civil), Entrevista pessoal, Quissico Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Dipuriane, Sainora, (camponesa), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001

Ferreira, Artur, (comerciante), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 23 de Janeiro de 2001.

Francisco, Raquelina, (antiga trabalhadora de distribuição da ajuda humanitária), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Isaías, Albino, (alfaiate, ex. FAM), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Joaquim, Pedro Mariano, (Secretário distrital da Frelimo), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Macave, Saugineta José, (camponesa), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Machatine, Jorge, (camponês), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Maculuva, Amaral Jamisse, (estudante), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 15 de Janeiro de 2001.

Maculuva, Cacilda Micas, (camponesa), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Maculuva, Helena Marenganhane, (camponesa), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Maculuva, Mateus, (camponês/ancião), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Maculuva, Titosse Faife, (Chefe de zona, artesão, camponês), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Makhule, Filomena Nmadgi, (camponesa), Entrevista pessoal, Canda-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Manguengue, Isabel Mateus, (camponesa), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 16 de Janeiro de 2001.

Massangae, Alberto André, ( antigo Administrador e Comandante em chefe do Distrito de Zavala, 1988-1996), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 18 de Janeiro de 2001.

Massango, Martins Titosse, ( ex. Capitão-chefe de estado-maior de batalhão), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Matiquite, Mário, (comerciante), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Mavila, Abneiro Jonas, (antigo régulo, comerciante), Entrevista pessoal, Mavila-Zavala, 23 de Janeiro de 2001.

Mbie, Zacarias Penicelo, (carpinteiro, camponês), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Mboane, Maria Senete, (camponesa), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Mugunhe, Zacarias Paindane, (camponês), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Natingue, Gilberto Luís, (Técnico Tributário C de 1ª afecto na Repartição distrital de Finanças), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Nhacoongo, Guidion Winge, (camponês), Entrevista pessoal, Maculuva Zavala, 17 de Janeiro de 2001.

Nhacutoe, Salvador Rafael, (camponês, artífice), Entrevista pessoal, Quissico Zavala, 15 de Janeiro de 2001.

Nhampule, Lúcia Carlos, (camponesa, mutilada de mina), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Rafael, Pedro, (Administrador do Distrito, em exercício), Entrevista pessoal, Quissico Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Sumará, Abdul Remane, (comerciante-armazenista), Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22 de Janeiro de 2001.

Zandamela, Jaime Palelane, (camponês), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala, 20 de Janeiro de 2001.

Zandamela, Jaime Saete Wane, Doo (Camponês), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala,  
20 de Janeiro de 2001.

Zandamela, Zacarias Chicubetuane, (camponês), Entrevista pessoal, Zandamela-Zavala,  
20 de Janeiro de 2001.

## Anexo I

### Guião geral para entrevistas

Muito tem sido escrito sobre a guerra de desestabilização em Moçambique. Existem muitos estudos históricos sobre os antecedentes da guerra e o papel das influências dos poderes externos. Todavia, a história ordinária do povo sobre a guerra ainda não foi escrita, embora o povo tenha sido o principal alvo do recrutamento para soldados e tenha simplesmente lutado para sobreviver. É a experiência do homem e da mulher ordinários durante a guerra que se pretende reconstruir historicamente.

O objectivo do trabalho de campo é obter material para um estudo comparativo dos efeitos da guerra e da seca sobre as populações do distrito de Zavala. Parte-se do princípio de que quando se entrevista pessoas acerca da história da guerra, a experiência pessoal do informante tem muito valor.

### Lista de tópicos

#### 1-Dados pessoais

Nome completo, endereço, local de nascimento, grau de escolaridade, ocupação actual, ocupação durante a guerra.(aceitar confiança e marcar a entrevista para poder identificar)

#### 2-Local: descrição geral da comunidade.

-Tamanho, área; população, composição étnica

- Qual é a base económica da população?(maioritariamente agrícola; existe um comércio especial; ou uma forte tradição migratória).

- Outras particularidades da comunidade que sejam relevantes para compreender a experiência da guerra.

### **3-Descrição geral a ter em conta:**

-Como é que a guerra lhe afectou a ti e a sua comunidade? ( indicar datas exactas, se possível)

- a) Como é que foi a sua primeira experiência da guerra? Em que ponto e quando ouviste falar da guerra pela primeira vez?
- b) Experimentou algumas acções directas da guerra?
- c) Quando e como a guerra chegou na sua comunidade? Ouve combates na área? Se sim, explica o que aconteceu e qual foi a sua experiência. Como é que a sua população reagiu?
- d) Havia alguma guerrilha em actividade na sua área? Qual era a sua forma . Quem participou?

### **4- A população, os militares e o Estado:**

- Como é que eram as relações entre a sociedade local e as forças armadas ( de ambos os lados)?

- Qual era a linha de propaganda do Governo? Havia um quartel no distrito? Havia uma organização de defesa civil ou outras instituições similares? O que faziam: procuravam alimentos, faziam recrutamento)? Quais são as pessoas que iam a esses corpos e quem as indigitava?

- Tenta periodizar a evolução da guerra no distrito (ponto crítico e ponto melhor)

- A administração civil preparou-se para a guerra antes desta chegar ao distrito?

- Qual era a ideia da população sobre a guerra?

- Qual era a propaganda da Renamo?



-Como é que avalia o comportamento dos guerrilheiros da Renamo para com a população?

#### **5-Recrutamento militar**

- As pessoas juntavam-se voluntariamente ou eram forçadas, se eram forçadas, como é que tentavam escapar?

- Inicialmente juntavam-se voluntariamente , mais tarde forçosamente;

- Tenta descrever a relação entre os militares e a população (Quem e como alguém se tornava amigo ou inimigo dos militares)?

Para casos de localidades ocupadas durante muito tempo como eram as relações entre os militares da Renamo e a população? Será que haviam aspectos positivos?

- A população experimentou roubos, raptos, execuções e espancamentos?

#### **5-Estratégias de sobrevivência no tempo de guerra:**

- Como é que sobreviveu da guerra?

- Como é que enfrentou a situação da guerra e seca, com carências, mortes, confusão, etc.

- A situação alimentar: Como é que isto ocorreu durante a guerra, havia produção alimentar? Como é que era organizada?

- Teve acesso aos bens fornecidos pelas agências humanitárias? (será que havia pessoas com mais facilidades que outras?)

- Se as pessoas produziam e tinham acesso da ajuda de emergência , o que era mais importante para elas?

- Será que teve que recorrer a alimentos alternativos? Quais?

- Houve brutalização da sociedade? Cada pessoa lutava por si ou a guerra aumentou a solidariedade entre as pessoas?

- As pessoas refugiaram-se na religião. O que aconteceu com os doutores nativos, com o uso dos poderes mágicos, sobre as acusações de feitiçaria?
- Que outros meios as pessoas inventaram sobre as condições de guerra.
- Acreditava que a guerra terminaria? Quando? Por quê?

#### **6- Escapar da guerra: a situação de refugiado**

- Escapaste da guerra refugiando-se no mato? Se sim, como é que dirigias a vida nessas circunstâncias. E depois, regressavas a casa?
- Como é que as pessoas refugiadas eram recebidas nos locais de chegada? Apanhavam terra para cultivar; tinham oportunidade de fazer pequenos negócios ou viviam completamente dos donativos? (Datas e os locais de refúgio, principalmente quando as pessoas fugiram por longo período)
- Como é que era a vida nos campos de refugiados? Quando e como regressaste? Que condições encontrou quando chegaste?

#### **7- A ajuda humanitária**

- Que organizações estiveram envolvidas no apoio às vítimas da guerra e seca?
- Que dificuldades enfrentavam?
- Houve quem se beneficiou mais que outros?

#### **8- Guerras dentro da guerra**

Houve casos de pessoas que se aproveitaram da guerra para resolver contradições antigas?

## Anexo II

### Entrevistas

Massango, Martins Titosse, (ex. capitão Chefe do Estado-Maior do batalhão),

Entrevista pessoal, Quissico-Zavala, 22/01/2001

Quando é que o senhor ouviu falar da guerra aqui no distrito de Zavala?

- A guerra entrou pela primeira vez no distrito de Zavala no dia 26 de Setembro de 1982. A Renamo veio da direcção de Inhassune, parou na travessia. Há um riacho que faz a travessia de Inhassune e Maculuva. Parou ali . Na noite do dia 26 atravessou com toda a sua trouxa. Há uma casa de um branco que não tinha sido concluída. A Renamo acampou ali. Destacou alguns homens sem fardamento e sem armas. Participaram na reunião do dia 25 de Setembro e regressaram. No dia 26 a Renamo passou de uma machamba, furtou um boi a um velho. O batalhão apercebeu-se e mandou um pelotão. O pelotão foi demolido todo. O inimigo penetrou no batalhão. Matou o comandante do batalhão e seu estafeta, matou ainda o chefe de material e seu estafeta, também matou o chefe dos efectivos e seu estafeta e alguns elementos da população. Assim o inimigo acampou em Maculuva. Por volta das 15 horas começou a queimar as cantinas. Eu estava em Lixanga com a minha força. Mandeí um pelotão para ver se podia fazer um reforço. Assim, o batalhão tinha-se destruído.

Quando é que a guerra chega à sede distrital?

- Na sede distrital, a Renamo chegou no dia em que fez três ataques simultâneos, atacou as sedes distritais de Pande, Inharrime e Zavala. Apenas conseguiu entrar em Inharrime e Quissico. Isso aconteceu no dia 30 de Outubro de 1982.

Na sua opinião quais foram os anos mais críticos da guerra?

- O período mais quente foi de 1982, 1983-1984, quando os ataques da Renamo eram mais frequentes. Faltou um sistema de manter a força, porque o inimigo só tinha três vias de entrada: Maculuva, na via de Banguza e Chimbala; na via que vai a Mavuma, na fronteira entre Gaza e Inhambane.

Então de 85 em diante a situação esteve sob controle?

- De 85 para cá, embora não estando aqui, a situação era um pouco melhor, mas não estava sob controle. Dependia dos grupos, apesar de eu estar ausente. Estava em Homoine, mas dependia dos grupos.

Então o senhor foi transferido. Quando e para onde?

- No dia 1 de Janeiro de 1983 fui afectado em Massinga onde permaneci durante sete anos. Fui a Nampula a 7 de Março de 1988.

Será que havia um quartel no distrito?

- Aqui na sede havia tropas profissionais. Mas a força é forte quando o comando é forte. A flexibilidade vem do comando, se o comando não é flexível a força também não tem flexibilidade.

Quem dava de comer às forças?

- As forças que eu comandava tinham a sua logística na Maxixe.

A população era solicitada a dar comida a tropa?

- Acompanhei que aqui em Zavala a população era chamada a ajudar no carregamento.

Recorda-se das secas de 82 e de 92?

- Em 1982 houve fome mas não chateou tanto. Houve mortes naquela zona de Maculuva como sempre foi uma zona de fome. A fome que dezimou muita gente foi a de 1992.

Será que houve apoio por parte do governo?

- Aqui o apoio que acompanhei foi só da calamidade. Lá onde estava afectado tínhamos apoio da calamidade (DPCCN), tínhamos apoio militar e tínhamos apoio da FAO. Agora aqui dizem que era só apoio da calamidade.

Que estratégias foram usadas perante a fome e guerra?

- A minha família salvou porque como estamos na zona do litoral, em Chibembe, a situação é um pouco favorável. Conseguia-se hortícolas assim como cocos.

Compara a intensidade da guerra durante o tempo da seca e o tempo sem seca.

- Com a seca a Renamo enfraqueceu. Se for na zona onde estive o inimigo nem tinha tempo de procurar comida. Mesmo aqui acho que não tinha porque a população não tinha tempo de cultivar. Para a Renamo apanhar comida significava que a população produzia algo. Neste caso só quando emboscassem um Majonejone, de regresso é que conseguiam alguma coisa. Nessa altura tornaram-se vulneráveis.

Conhece algumas estratégias usadas pela população para escapar da seca e guerra?

- Para sobreviver as pessoas venderam chapas de zinco, gado, trocaram cabritos, porcos, mesmo roupa e mantas. Os ladrões roubavam porcos para trocar por comida. Houve grandes roubos, massivos até. Não se conseguia distinguir quem era a Renamo e quem era a população, devido à fome.

Recorda-se de algumas mortes causadas pela fome?

- Eu que estou a falar, tive algumas velhas que morreram de fome lá em Chibembe. Não tinha tempo de assistir aqueles velhos, devido à situação.

Conhece alguns produtos alternativos consumidos devido à fome?

- É o caso de Nyatchidhocomelane, folhas de piripiri, folhas de tambeiro e Nyatchishedhedhe.

Como é que vê o movimento religioso no tempo das calamidades?

- Não havia tempo para rezar. Somente os batalhões que eram fortes, com aldeias em seu redor. De dia permitíamos que as pessoas rezassem. Na sede distrital rezava-se mas não frequentemente.

Como é que era feito o recrutamento militar?

- Haviam responsáveis do recrutamento no distrito. Contudo, no nosso caso recebíamos uma força preparada no centro de Maunze, isso até 1987.

Que avaliação faz da relação entre a população e o exército governamental?

- A experiência pessoal da relação entre os militares e a população era favorável. Só que os militares de facto, ... o Ministério da Defesa é um ramo que sempre utiliza a ditadura. A população pode ter dito que sofreu da força porque de facto, quando esta entrasse numa propriedade de coqueiros, não pedia favor. Mas para aquela força que tinha sido educada nos quartéis, tinha respeito, tinha boas relações.

Será que mesmo com a guerra as pessoas iam a machamba?

- Mesmo com a guerra as pessoas iam a machamba. Também há zonas aqui em Zavala que não foram afectadas. Por exemplo: Magombene, Helene, a Renamo não chegou de por os pés.

Por quê?

- A Renamo também era uma força que avaliava a situação quando recebia uma determinada missão. Para envolver a força numa determinada missão deve contar com entrada e saída... depois daqui de Quissico para Este não há saída.

O que a Renamo ia fazer na costa?

- A travessia para o litoral era em busca de produtos e de pessoas para carregar.

Quem são os Magibas?

- Magibas para o nosso caso da Frelimo é como miliciano de reconhecimento. Ele ia lá viver com a Renamo. Saía em como se fosse uma pessoa que anda a procura de refúgio, enquanto tinha uma missão objectiva por atingir. São esses que são chamados Magibas. Mesmo quando a gente os recuperasse da Renamo, tornavam a fugir novamente com os instrumentos dados. Fugiam para irem informar que lá quem está é tal fulano e tal fulano.
- Havia um outro grupo que actuava era composto pelos que desertavam na Renamo. Procuravam onde se desencadeavam os combates entre a Frelimo e a Renamo. Depois dos combates recolhiam sobras de munições para se protegerem. Esses é que eram maus, quando raptassem senhoras, depois de uma semana matavam porque sabiam que se fugissem denunciariam-lhes. Eram chamados Khovo

Será que os deslocados apanhavam terra de cultivo e habitação?

- Os refugiados apanhavam terra para cultivar.

Mbie, Zacarias Penicelo, (carpinteiro, camponês), Entrevista pessoal, Maculuva-Zavala, 17 de janeiro de 2001

- Quando é que a Guerra entrou pela primeira vez em Maculuva?

Em Maculuva a guerra entrou pela primeira vez no dia 26 de Setembro de 1982. A Renamo atravessou daqui (Maculuva). Para atravessar o rio, usaram barcos de borracha. No grupo ouvi dois homens a falar línguas sul-africanas. Raptaram-me, perguntaram-me sobre os chefes de zona, pediram-me um boi. Depois pediram-me que lhes indicasse uma fonte de água. Levei-lhes até ao poço de Chiguitene. Foi lá onde instalaram o primeiro acampamento. Depois despacharam um grupo que viria a confrontar-se com as tropas do Governo que se encontravam na localidade. Os soldados do governo fugiram mas não dormimos mais em Chiguitene... andei muito. Fomos a Ukhuni, acabamos três dias. De lá fomos a Nhavari onde acabamos um mês. Regressei e entramos nas aldeias. Saímos das aldeias e dispersámo-nos. eu fui a Zavalene.

- Como avalia o comportamento da Renamo nos primeiros dias?

Inicialmente os guerrilheiros da Renamo não matavam pessoas. Por onde passamos não assisti execuções de pessoas. Só mais tarde é que houve confusão de assassinatos de pessoas.

Como se explica essa mudança de atitude?

- Para explicar a mudança de atitude da Renamo eu diria que é a dinâmica da guerra porque quando fui raptado nem que andasse meio quilómetro, logo que



encontrassem outra pessoa soltavam-te e passavam a mercadoria para ela. A confusão iniciou quando as forças da Frelimo usaram a população para o transporte de mercadorais. A partir daí quando a Renamo te encontrasse dava-te uma carga excessiva.

Mas a Renamo explicava as causas da guerra ou o seu objectivo?

-Eles diziam que não se tratava de uma guerra. Diziam que não pretendiam uma nova independência. Explicavam que a guerra era resultado do não cumprimento do que foi combinado durante a guerra de libertação nacional. Isto diziam nas reuniões realizadas com os raptados.

Havia um quartel aqui em Maculuva?

- Sim, instalou-se um quartel da “mafureira”, perto das lojas, na localidade. Só que quando a Frelimo fundava o seu quartel a Renamo dispersava-a. A Renamo esteve aqui sozinha por muito tempo. Nessa altura eu estava em Maputo. Após a minha saída a Renamo foi escorraçada para Guambene.

Como avalia a vossa relação com o exército governamental?

- Não constatei algo estranho. Só que cada pessoa tem a sua vivência, alguns roubavam cabritos, roupas mas não era orientação do Governo. Não sei o que acontecia com os soldados em caso de queixa aos comandantes.

A comida dos soldados era trazida através do transporte de pessoas.

Entre a Frelimo e a Renamo quem controlava Maculuva?

- Em primeiro lugar a Frelimo foi expulsa. A seguir a Renamo por sua vez foi expulsa pela Frelimo. Uma vez mais as forças da Frelimo foram expulsas. Depois disso abandonamos esta terra e ficou sob controle da Renamo.

Quem são os Magibas?

- Magibas não eram amigos da Renamo. Eram neutros. Com o fim da guerra não sabemos para onde é que foram.

Recorda-se da seca de 1982?

- Em 1982 não havia fome. A dificuldade que havia era a falta de tempo para cultivar devido à guerra.

E quanto à seca de 1992?

- A fome de 1991-92 registou-se enquanto estávamos em Canetane-Zavalene.

Como é que foram recebidos em Zavalene?

- Não foi o governo que nos recebeu. Foram pessoas de lá, mas o governo contava-nos como daquela terra. Recebemos machambas só que, com a seca não produzíamos nada.

Quando e por quê saiu de Maculuva?

- Saí daqui em 1987 devido ao agravamento da situação militar com a fuga dos militares da Frelimo deixando-nos nas aldeias.

Entre o tempo de fome e o tempo sem fome quando é que a guerra foi pior?

- Com a fome os guerrilheiros da Renamo penetraram mais a procura do homem. Sabiam que onde o homem estivesse havia comida. Com a fome houve mais execuções. A maneira de carregar as mercadorias não permitia salvação.

Mesmo com as constantes fugas restava tempo para ir a machamba?

- As fugas não obrigaram-nos a abandonar a agricultura.

Teve acesso a bens de ajuda humanitária? Como é eram distribuídos?

- Recebíamos milho. Com a fome não-se podia esperar uma distribuição melhor. A familiaridade contava muito na distribuição.

Como é que vê o movimento religioso no tempo da guerra e seca?

- Praticava-se a religião e os curandeiros também exerciam a sua profissão.

Na sua opinião a guerra criou união ou contradições entre as pessoas?

- A guerra trouxe desavenças. Por exemplo: Se eu não gostasse de ti, estando na Frelimo podia dizer, este convive com a Renamo. Se estivesse na Renamo podia fazer a mesma coisa. Assim surgia a mentira.

O senhor acreditava no fim da guerra?

- Não acreditava no fim da guerra porque tanto a Renamo assim como a Frelimo faziam estragos.